

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA

GEORDANA VALERIA MELO FEITOSA

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA DICOTOMIA HOMEM E
MULHER**

São Luís – MA

2024

GEORDANA VALERIA MELO FEITOSA

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA DICOTOMIA HOMEM E
MULHER**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia
Licenciatura da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA para obtenção de grau de
licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paula
Borralho

São Luís – MA

2024

GEORDANA VALERIA MELO FEITOSA

A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA DICOTOMIA HOMEM E MULHER

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia
Licenciatura da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA para obtenção de grau de
licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
JOSE HENRIQUE DE PAULA BORRALHO
Data: 27/08/2024 08:23:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho

Doutor em História

Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
KAMILA FERNANDA BARBOSA SAMPAIO
Data: 28/08/2024 09:45:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Kamila Fernanda Barbosa Sampaio

Secretaria de Educação do Maranhão

Documento assinado digitalmente
MARCIA CRISTINA GOMES
Data: 10/02/2025 13:30:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Márcia Cristina Gomes

Universidade Estadual do Maranhão

Feitosa, Geordana Valéria Melo.

A construção social e cultural da dicotomia homem e mulher. / Geordana Valéria Melo
Feitosa – São Luís, 2024.

58f.

Monografia (Curso de Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual do Maranhão,
2024.

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho

1. Gênero. 2. Mulher. 3. Construção Social 4. Binaridade. I.Título.

CDU: 37-055.2

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus e a Jesus Cristo e a nossa senhora por todas as oportunidades e dádivas da minha vida que me levaram a este momento.

Concluir um curso não é fácil, mas é gratificante. Agradeço também as minhas mães Luciana Pacheco e Lidianie Pacheco por todo cuidado, carinho, incentivo e amor. Agradeço a minha irmã Maria Eduarda Pacheco pela preocupação, carinho e incentivo. Sem vocês eu não teria conseguido. Quero agradecer ao meu pai Gregório Rodrigues e a minha avó Maria Isabel por sempre me incentivarem aos estudos. Obrigada família!

Também quero agradecer aos meus amigos, em especial Elvis John e Alyce Maria pelo carinho e por sempre me apoiarem e incentivarem, quero agradecer também Hellen que também contribuiu com seu apoio nessa jornada longa da universidade.

Quero agradecer aos meus amigos de curso Cleone Sousa, Ana Ruth, Gilberto Paulo e Danielly Silva que ajudaram a tornar alguns momentos mais leves.

Obrigada aos professores do curso de filosofia licenciatura pela disponibilidade em sanar dúvidas e pelo conhecimento passado. Agradeço ao meu orientador pela paciência, disponibilidade e ajuda José Henrique de Paula Borralho.

Por fim e não menos importante, agradeço a todos aqueles que foram anjos e amigos verdadeiros na minha vida, me incentivando sempre a seguir em frente e nunca desistir.

RESUMO

O presente trabalho busca compreender como o gênero é construído a partir das relações sociais e culturais que são marcadas pelas relações de poder e discurso. Procura-se entender como o discurso é um elemento importante dentro da construção da identidade de gênero, principalmente o discurso heteronormativo construído em uma matriz heterossexual que impõe regras sobre essa categoria. Busca-se compreender como se dá a construção do gênero no interior da sociedade ocidental e como a matriz heterossexual contribui para a visão binária dos gêneros homem e mulher, por fim, pretende-se com esse trabalho discutir acerca da construção do gênero dentro do discurso e como a identidade de gênero pode se desconstruir a partir dessa perspectiva de que o gênero é uma construção histórica e discursiva. A pesquisa tem como metodologia a abordagem qualitativa e bibliográfica, objetivando explicar sobre os fenômenos acerca da construção das identidades de gênero e da binaridade imposta sobre essa categoria. Como fundamentação teórica os filósofos Michel Foucault e Judith Butler são de extrema importância. Tendo em vista que a pesquisa desses autores analisa pontos essenciais que serão abordados nesse trabalho, como o conceito de gênero, de poder e de discurso. A obra História da sexualidade: a vontade de saber (2015) de Foucault e a obra Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades (2021) de Butler são obras fundamentais dentro da estrutura dessa pesquisa para entender sobre a identidade de gênero como um conceito, uma categoria construída dentro das malhas do discurso. Portanto, se torna necessário analisar o conceito de discurso e poder a luz das teorias de Michel Foucault e analisar o conceito de gênero a luz das teorias de Judith Butler, pois ao teorizar sobre o conceito de gênero, Butler faz uma análise de como o poder articulado com o discurso constroem a identidade de gênero. O estudo acerca do gênero é de extrema importância devido a relação que tem com a subjetividade do sujeito. Toda pessoa é atravessada pelos discursos que abarcam a noção de gênero, portanto, todo sujeito é marcado e transformado por esses discursos. Analisar, compreender e entender as formações discursivas por trás da noção de gênero permite abrir possibilidades para novas identidades de gênero que não sigam a linearidade sexo\gênero\ desejo, isto é, que não sigam as normas do discurso heteronormativo. Estudar sobre o conceito de gênero é estudar sobre a formação do próprio sujeito dentro da cultura e da sociedade. Dessa forma, pesquisar sobre o gênero abre espaços para discursões mais amplas sobre essa categoria, abarcando novas identidades de gênero excluídas pela matriz heterossexual, ou seja, abre espaço para resistências e subversão do gênero dentro do discurso heteronormativo.

Palavras-chave: gênero; mulher; construção social; binaridade.

ABSTRACT

This work seeks to understand how gender is constructed from social and cultural relations that are marked by relations of power and discourse. We seek to understand how discourse is an important element within the construction of gender identity, especially heteronormative discourse constructed in a heterosexual matrix that imposes rules on this category. It seeks to understand how the construction of gender takes place within Western society and how the heterosexual matrix contributes to the binary view of the genders man and woman. Finally, this work aims to discuss the construction of gender within the discourse and how gender identity can be deconstructed from this perspective that gender is a historical and discursive construction. The research methodology uses a qualitative and bibliographical approach, aiming to explain the phenomena surrounding the construction of gender identities and the binarity imposed on this category. As a theoretical foundation, philosophers Michel Foucault and Judith Butler are extremely important. Considering that the research of these authors analyzes essential points that will be addressed in this work, such as the concept of gender, power and discourse. The work *History of sexuality: the will to know* (2015) by Foucault and the work *Problems of gender: feminism and subversion of identities* (2021) by Butler are fundamental works within the structure of this research to understand gender identity as a concept, a category constructed within the fabric of discourse. Therefore, it is necessary to analyze the concept of discourse and power in the light of Michel Foucault's theories and to analyze the concept of gender in the light of Judith Butler's theories, because when theorizing about the concept of gender, Butler makes an analysis of how power articulated with the discourse, they construct gender identity. The study of gender is extremely important due to the relationship it has with the subjectivity of the subject. Every person is crossed by discourses that encompass the notion of gender, therefore, every subject is marked and transformed by these discourses. Analyzing, understanding and understanding the discursive formations behind the notion of gender allows opening possibilities for new gender identities that do not follow the sex\gender\desire linearity, that is, that do not follow the norms of heteronormative discourse. Studying the concept of gender is studying the formation of the subject within culture and society. In this way, researching gender opens up spaces for broader discussions about this category, encompassing new gender identities excluded by the heterosexual matrix, that is, it opens up space for resistance and subversion of gender within the heteronormative discourse.

Keywords: Gender; woman, social construction; binary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O GÊNERO NA PERSPECTIVA DE JUDITH BUTLER.....	16
2.1 Atos, gênero e performatividade em Judith Butler.....	22
3. BINARIDADE E DICOTOMIA DOS GÊNEROS HOMEM E MULHER.....	26
4 IDENTIDADE DE GÊNERO HOMEM-MULHER, BINARIDADE E OS PAPEIS SOCIAIS.....	40
4.1 O conceito de subversão em Judith Butler	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

A metodologia utilizada na presente pesquisa é a metodologia qualitativa, pretendendo explicar sobre a categoria de gênero como um conceito construído dentro dos discursos. Será utilizado também o método bibliográfico com base nos filósofos Michel Foucault e Judith Butler. Muitas áreas estudam sobre o gênero, como a sociologia, a antropologia, a filosofia, entre outras, isso se deve a extrema importância e diversidade de estudos sobre esse conceito que atravessa a subjetividade humana. Pesquisar sobre o gênero é fundamental porque esse conceito está intimamente ligado ao sujeito e ao seu comportamento, em certa medida, até modificando e normatizando os comportamentos e os papéis sociais de homens e mulheres na sociedade.

O gênero está presente na linguagem, na construção do sujeito, no corpo humano e é através dele que nos auto afirmamos aos outros e a si mesmo. Foi por meio dos discursos, pesquisas e estudos sobre o gênero que surgiram movimentos sociais importantes, como o movimento feminista e LGBTQIA+. Esta pesquisa pretende através da discussão de gênero compreender como a sociedade e cultura através dos discursos articulados com o poder influência o conceito de gênero homem e mulher. A estrutura desse trabalho se baseia em três capítulos, no primeiro tem-se o objetivo de analisar o conceito de gênero como uma construção social e cultural, ou seja, o gênero como efeito do discurso e não causa, a luz das teorias de Judith Butler. Esse capítulo também contará com uma análise acerca do conceito de performatividade, conceito fundamental de Butler para explicar o gênero como uma construção. O segundo capítulo contará com uma ênfase maior na binaridade e na dicotomia dos gêneros homem e mulher, procurando explicar como através do discurso heteronormativo se estabelece uma dicotomia e uma binaridade visível nos gêneros homem e mulher. O segundo capítulo é fundamental para adentrar ao terceiro que busca explicar como o conceito de gênero construído sob uma matriz heterossexual e um discurso heteronormativo influencia e constrói papéis sociais de acordo com o gênero homem e mulher, isto é, procura estabelecer, normalizar, papéis sociais e comportamentos com base nos gêneros homem e mulher. Ainda no terceiro capítulo, será trabalhado e analisado sobre o conceito de subversão em Butler, subverter o gênero, é criar resistências dentro dos discursos hegemônicos, ou seja, dentro do

discurso heteronormativo, volitando sobre a categoria de gênero, para possíveis criações de novas identidades de gênero que não sigam a linearidade sexo\gênero\desejo e deslocamentos dos gêneros inteligíveis. Todos esses capítulos contarão também com uma análise sobre o conceito de poder nas teorias de Michel Foucault, buscando compreender como poder articulado com o discurso fabrica e constrói o gênero.

A discussão sobre a questão de gênero tem se tornado cada vez mais relevante em todo o mundo, gerando novas perguntas diariamente sobre essa temática. Um dos pontos de grande relevância em relação à problemática do gênero diz respeito a como as redes de discursos e saberes dentro da cultura e da sociedade podem contribuir diariamente e diretamente para a perspectiva dos saberes relacionados à visão do gênero no mundo ocidental.

Esses discursos que formam saberes estão por toda parte, o discurso se multiplica nas escolas, nas igrejas, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na família e eles são elementos muito importantes dentro das relações de poder, não que o poder esteja atrás ou seja anterior ao discurso, ele está dentro do discurso e influencia toda a sociedade, cultura e os indivíduos que vivem nela. Nesse trabalho não se apresenta o poder como algo fixo, assim como o Estado, mas o poder como algo que se desloca dentro de elementos importantes na formação de saberes, o poder que está em toda a parte e exercido a todo momento de acordo com os contextos históricos, principalmente, neste caso, o poder que circula em determinados discursos sobre o gênero. “[...] o poder não é o sentido do discurso. O discurso é uma série de elemento que operam no interior do mecanismo geral do poder. [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 254).

Não focaremos necessariamente na análise de Foucault sobre o poder e o discurso, mas eventualmente utilizaremos suas teorias para compreender como se estabeleceu, se formou e se construiu as identidades de gênero e o binarismo presente na sociedade em relação ao conceito dos gêneros. É importante ressaltar que o discurso nesse caso é um elemento importante no poder, porque o poder não é estável e fixo, ele se move dentro das suas estruturas, principalmente dentro dos discursos que proliferam e reafirmam a cultura heteronormativa, cultura, discurso e saber que influencia e constrói as identidades de gênero, o discurso heteronormativo é o pilar da construção e da visão binária que os gêneros carregam. Esse discurso e essa cultura é fundamental para a construção dos gêneros e da binaridade entre as identidades de gênero homem e mulher, que por sua vez, também são categorias discursivamente construídas. Ao estudar sobre a sexualidade Foucault afirma que é necessário levar consideração as instituições que proliferam a palavra do sexo, isto é, é

preciso analisar o “fato discursivo”, a “colocação do sexo em discurso” para compreender de fato da categoria do sexo e da sexualidade, pois essa categoria se constrói dentro das malhas do discurso e dos elementos de poder.

[...] levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o "fato discursivo" global, a "colocação do sexo em discurso". Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas [...] (FOUCAULT, 2015, p.16-17).

A análise que Foucault faz da sexualidade é um tanto quanto parecida com a análise que Butler faz do gênero, do sexo biológico e das identidades, portanto, para ela também se torna importante compreender o “fato discursivo” que “coloca o gênero em discurso” para entender como a categoria do gênero e sua binaridade foi construída através do próprio discurso, discurso esse centrado na matriz heterossexual, que produz um discurso heteronormativo, impondo normas sobre o corpo, o gênero e as identidades. Judith Butler acredita assim como Foucault que termos como “sexualidade”, “loucura” foram construídos dentro de estruturas poder e dos elementos que compõem o discurso e os saberes de um determinado contexto histórico. Butler, também acredita que a identidade de gênero, o sexo biológico e a binaridade presente nesses contextos é uma construção da linguagem e do discurso. “[...] Em vez de supor que as identidades são autoevidentes e fixas como fazem os essencialistas, o trabalho de Butler descreve os processos pelos quais a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso” (SALIH, 2018, p. 21).

Butler busca em seus estudos desconstruir o gênero e a binaridade imposta a essa categoria, ela acredita que as identidades de gênero são efeitos de instituições e práticas discursivas, sendo assim, categorias como o sexo biológico, a sexualidade e o gênero são construídas e fabricadas dentro das redes de discurso e das instituições. Butler busca dessa forma, fazer uma investigação genealógica acerca de temas e conceitos como sexo, gênero e identidade.

Uma investigação genealógica da constituição do sujeito supõe que sexo e gênero são *efeitos* - e não causas - de instituições, discursos e práticas; em outras palavras, nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero. As análises genealógicas de Butler vão se concentrar no modo como o efeito-sujeito, como ela o chama, se dá, e ela sugere, além disso, que há outros modos pelos quais o sujeito poderia se "efetuar". Se o sujeito não está exatamente "lá" desde o começo (isto é, desde o momento que nasce), mas é *instituído* em contextos específicos e em momentos específicos (de tal modo que o nascimento em si se constitui numa cena de subjetivação), então o sujeito pode ser instituído diferentemente, sob formas que não se limitem a reforçar as estruturas de poder existentes (SALIH, 2018, p. 21-22).

Sendo assim, a investigação genealógica de Butler sobre o sexo, as identidades de gênero, a sexualidade e o sujeito estão fundadas no aspecto de que todos esses termos são efeitos, ou seja, são fabricados, construídos dentro das redes discursivas que criam saberes e de que as identidades de gênero são performativas [...] a crítica genealógica de Butler relativamente à categoria do sujeito se ajusta à sua noção de que as identidades "generificadas" e sexuadas são performativas (SALIH, 2018, p. 22). Quando Butler fala sobre as identidades "generificadas" e sexuadas serem performativas, elas quer dizer em primeiro lugar, que a identidade do sujeito é marcada em primeira instância de acordo com o sexo biológico e que desde sexo se baseia uma ideia de gênero, ou seja, a identidade do sujeito é marcada sexualmente de acordo com o seu sexo biológico e depois é generificada de acordo com a designação do seu sexo. Assim, essas identidades generificadas e sexuadas são "encenadas", performadas pelo próprio sujeito.

Os saberes formam redes de discursos múltiplos por toda a cultura e a história e influenciam e constituem a subjetividade do sujeito, em específico, trabalharemos aqui com a perspectiva de que o gênero é efeito e não causa, efeito dos discursos e dos saberes que moldam e entrelaçam a construção do próprio sujeito e do gênero. Sara Salih corrobora com essa visão em seu livro *Judith Butler e a teoria queer* (2018) quando afirma que para Butler o sexo e o gênero são resultados do discurso e da lei.

É por esse motivo que o tema do presente trabalho se desenvolve sobre a construção social e cultural do gênero dentro das estruturas de poder presentes nos discursos e saberes disseminados na história da humanidade, como o discurso médico, jurídico e religioso, que se tornam pilares para a construção da categoria do sujeito e do gênero. Todos esses discursos e saberes estão ligados a um contexto histórico e assim, o discurso, o poder e saber se entrelaçam. Todo discurso está ligado a um contexto histórico, a uma sociedade e a uma cultura, pois, o discurso dentro dos mecanismos de poder é o que cristaliza saberes importantes que atuam na manutenção de toda estrutura social e cultural, toda sociedade, toda cultura influencia de certa forma a formação dos sujeitos, pois, toda sociedade e toda cultura é também um conjunto de discursos proferidos dentro de uma estrutura de poder em um determinado contexto histórico. Isso explica porque alguns termos não estão presentes desde sempre na história da humanidade, como é o caso do conceito de "loucura", "sexualidade", "gênero" e "sexo" porque não são conceitos preexistentes ou naturais, são construídos e fabricados dentro dos mecanismo de poder que atuam nas relações sociais e no discurso, portanto, podemos também afirmar que gênero é uma categoria social e cultural criada dentro de um discurso binário heteronormativo.

O gênero sempre foi visto como o social e cultural, sendo estabelecido a partir do sexo, que é visto como um fator biológico e natural, sendo o gênero determinado pelo sexo. Deste modo, Butler salienta que tal visão é a consequência de construções discursivas, as quais criam "verdades". Aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído culturalmente, de forma determinada, seria considerar que o gênero produz uma essência no sujeito, além de apresentar uma visível contradição. Por isso, para Butler, o sexo assim como o gênero, é discursivo e cultural (PACHECO, 2016, p. 376).

É impossível negar a força e o poder que permeiam esses discursos, pois para Foucault o poder presente no discurso não necessariamente é um poder repressivo, mas um poder criativo, produtor. Dentro dessa perspectiva Sara Salih salienta que em *a história da loucura* (1961) e em *a história da sexualidade v. I* (1976), o conceito de doença mental, sexo e sexualidade foram controlados e ao mesmo tempo produzidos mediante discursos, em outras palavras, ela afirma que para Foucault conceitos como “loucura”, “criminalidade” e “sexualidade” são construtos discursivos de acordo com o momento histórico de determinado discurso. Portanto, o conceito do gênero também é moldado e construído de acordo com os discursos presentes em determinado momento histórico.

Butler está não apenas se referindo à “fala” ou à “conversação”, mas especificamente às formulações de Foucault sobre o discurso como “grandes grupos de enunciados” que governam o modo que falamos e percebemos o momento ou momentos históricos específicos. Foucault compreende os enunciados como eventos reiteráveis que estão ligados por seus contextos históricos. A sua obra busca as continuidades entre enunciados que, juntos, constituem formações discursivas, tais como “medicina”, “criminalidade”, “loucura”. Foucault está interessado particularmente nas posições de sujeitos pressupostas pelos enunciados e no modo como os sujeitos são discursivamente constituídos (SALIH, 2018, p. 69).

No entanto, delimitando o campo de pesquisa que se pretende alcançar, é necessário entender que trataremos somente a binaridade de gênero homem-mulher e como a sociedade e a cultura fornecem estruturas que fortalecem esse sistema binário. Portanto, o título dessa pesquisa é: *A construção cultural e social da dicotomia homem e mulher*.

Os conceitos de gênero e sexo biológico se estruturam sobre uma base binária, essa binaridade coloca dois termos (fêmea e macho, mulher e homem) como opostos e ao mesmo tempo complementares, na binaridade de sexo temos o macho e a fêmea e na binaridade de gênero temos o homem e a mulher. Essa binaridade de sexo e gênero, não só coloca esses termos como oposto, como também procura normalizar e regular o que seja cada um deles. Assim, é impossível falar de gênero e de sexo sem falar desse binária do qual essas categorias se fundam, a binaridade de gênero e sexo ao induzir normas para o macho e para fêmea, para o homem e para mulher impõe também papéis sociais e atos de condutas que os sujeitos performam ao longo de sua vida.

É importante ressaltar que a construção social e cultural da dicotomia homem e mulher se constrói dentro de uma rede de discursos e saberes que permeiam cada sociedade e cada cultura, esses discursos criam conceitos que transformam a subjetividade e modo de vida do próprio sujeito. O conceito de gênero aqui analisado não é visto como natural, muito menos como existente fora da categoria do discurso, o conceito de gênero é sempre e a todo momento transformado pelas redes de discurso que transitam entre os indivíduos e as instituições através das relações de poder.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é buscar, principalmente nas teorias de Michel Foucault (2015, 2014, 2006) e Judith Butler (2021, 2018, 2019) uma hipótese que responda à seguinte questão: o conceito, a ideia do gênero homem e mulher existente no mundo ocidental é uma construção social e cultural? Buscaremos fazer uma análise dos mecanismos de poder, isto é, principalmente em relação aos discursos existentes dentro da cultura e da sociedade que permitem a transformação e construção de alguns saberes e conceitos gerados de acordo com os discursos presentes que percorrem as relações humanas.

Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, dicotomia significa: método de classificação em que cada uma das divisões e subdivisões não contém mais de dois termos. Divisão lógica de um conceito em dois outros conceitos, em geral contrários, que lhe esgotam a extensão. Exemplo: animal = vertebrados e invertebrados.

Dessa forma, outro exemplo a se considerar é o conceito de gênero que trabalhamos nesta pesquisa, que se afunila em dois conceitos considerados opostos: homem e mulher. É de extrema importância explicitar que a presente pesquisa não tem o objetivo de trabalhar com a visão do sexo biológico que se define por masculino e feminino, macho e fêmea, que leva à definição de homem e mulher. Ao contrário, busca-se trabalhar com a problemática que compreende se o conceito dessa dicotomia é necessariamente uma construção social e cultural.

É necessário compreender o que constrói um sujeito homem ou um sujeito mulher e como essa construção do eu feminino ou masculino determina papéis sociais para cada um. Logo, não se pretende esgotar o assunto, mas examinar o peso e a importância que a cultura, a sociedade e os discursos têm sobre a visão binária dos gêneros homem-mulher.

Ao refletirmos sobre alguns comportamentos da sociedade e tradições da cultura, é possível compreender como a questão de gênero acompanha o ser humano desde muito cedo e se fortalece ao longo dos anos devido aos discursos considerados legítimos, da matriz heterossexual, das relações de poder e dos papéis sociais, discursos esses que buscam

normalizar, regular e estabelecer a normalidade e anormalidade dos gêneros, baseada em um discurso heteronormativo e numa matriz heterossexual que tem como pilara binaridade dos gêneros e dos sexos, procurando produzir gêneros inteligíveis. Tradições como a escolha das cores rosa e azul para representar, respectivamente, o mundo feminino e o masculino, ou as brincadeiras permitidas conforme o gênero da criança, reafirmam a dicotomia, a binaridade e presença de normas existente dentro da categoria dos gêneros homem-mulher. Essas normas agem sobre o sujeito de forma violenta, o marcando a todo momento, de tal forma que quem não a segue se torna excluído, a margem, ilegítimo.

Esses exemplos e outros, por mais simples que pareçam, reforçam uma binaridade em que um gênero não pode cruzar o território do outro. Na nossa realidade, ver um homem com roupas consideradas femininas coloca automaticamente em xeque sua masculinidade, desconfigurando-o enquanto sujeito homem, como se não soubesse ao certo o que pretende ser: homem ou mulher. O mesmo acontece com uma mulher caso ela tenha atos considerados masculinos, a visão ocidental do que é ser homem e ser mulher se baseia em interpretações culturais e sociais de atos performativos que se tornam opostos em relação a ser homem e ser mulher.

E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total (BEAUVOIR, 1940, p. 08).

Segundo Anderson Ferrari e Marcos Adriano de Almeida, a cultura nos permite ler e entender o corpo, o que ele quer dizer e significar. Além disso, com referência a Judith Butler (2004; 2007), pensar a performatividade significa dizer que o feminino e o masculino são um conjunto de atos repetitivos, reforçados e citados em diferentes contextos, de forma que o gênero se converte numa tecnologia ao alcance de todos. Esses atos repetidos formam não só uma dicotomia entre os gêneros homem e mulher, mas também a própria visão do gênero e a subjetividade dos indivíduos.

O que a autora nos mostra, reforçando o entendimento dos gêneros como construção, é que as performances de feminilidades e masculinidades põem em questão a ideia de uma só masculinidade ou feminilidade ou mesmo a autenticidade delas, pelo simples fato de serem efetuadas pelos sujeitos autorizados (FERRARI, ALMEIDA, 2012, p. 877).

Para Judith Butler, o gênero é efeito e não causa, resultado do discurso e da lei. Esse discurso está impregnado na sociedade e na cultura através de mecanismos que o

reafirmam repetidamente. Assim, o gênero é um conjunto de atos praticados pelo sujeito. Os próprios atos performativos do qual Butler escreve são forma de reafirmar a visão binária dos gêneros e reafirmar a estrutura heteronormativa existente na nossa sociedade e cultura fundada numa matriz heterossexual.

A crítica genealógica de Butler relativamente à categoria do sujeito se ajusta a sua noção de que as identidades “generificadas” e sexuadas são performativas. Nesse aspecto, Butler amplia o famoso *insight* de Beauvoir de que “ninguém nasce mulher: torna-se uma mulher” (1980, v. 2, p. 9), para sugerir que “mulher” é algo que “fazemos” mais do que algo que “somos” (SALIH, 2018, p. 22).

Quando se trata de gênero, é impossível não levar em conta a questão do corpo, visto que o corpo é uma das formas de expressão do sujeito. Segundo Sérgio Murilo Rodrigues (2003), a visão do corpo será sempre uma interpretação, e toda interpretação sempre produzirá uma relação de poder. Nesse sentido, o gênero se constrói a partir dos saberes que permeiam a sociedade e a cultura, produzindo relações de poder expressas no corpo através do conceito de gênero. Seguindo esse mesmo raciocínio Judith Butler (2021) diz que não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais. De fato, quando falamos sobre identidade de gênero e sexo biológico, o corpo do sujeito é marcado, desde o seu nascimento é marcado quando se designa um sexo e após é marcado com os atos performativos do gênero. Quando olhamos uma pessoa, logo procuramos saber o seu sexo, mas especificamente o seu gênero e nos baseamos nisso ao observamos o seu corpo, se aquele corpo se adequa a traços femininos e seus atos estão dentro do campo da feminilidade, então, consideramos aquele sujeito mulher. Assim, a primeira interpretação que temos de alguém é quando olhamos para seu corpo, essa interpretação não é, de forma alguma neutra, é carregada de conceitos que absorvermos dos discursos produzidos na nossa sociedade e cultura, quando se trata de gênero, mais especificamente o discurso heteronormativo.

A cultura e a sociedade com seus saberes e tradições alimentam a binaridade através dos discursos de "verdade". Esses discursos procuram se fixar na sociedade com um poder de exclusão, onde o que está dentro desse discurso é considerado normal, e o que está fora está à margem. Michel Foucault em *História da sexualidade v I* comenta sobre as sexualidades ilegítimas, seriam aquelas que se encontram a margem, isto é, de certa forma excluída na era vitoriana.

Já Judith Butler acredita que a matriz heterossexual e a heterossexualidade compulsória são mecanismos de extrema importância para classificar na nossa sociedade atual o que é a norma, o que é considerado normal e o que é de certa forma é excluído dentro desse

discurso. Todo discurso de alguma forma exclui algo ou alguém, como é o caso do discurso médico psiquiátrico que traz o conceito de louco e de loucura, mas exclui ao mesmo tempo o “louco”.

Desde a alta idade média, o louco é aquele cujo o discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (FOUCAULT, 2014, p. 10).

Assim como o louco e o seu discurso é excluído, dentro de uma matriz heterossexual a possibilidade de outras configurações do gênero que não homem e mulher se torna difícil, porém não impossível. Tendo em vista, que o gênero também se articula e se transforma dentro das redes discursivas e do poder.

Temos uma visão maniqueísta que divide claramente o que é uma coisa e o que é outra, permitindo identificar o que é ser homem e o que é ser mulher dentro dos discursos heteronormativos e masculinistas. Tudo o que está fora dessa categoria está à margem.

As diferenças e as relações entre esses dois gêneros revelam uma estrutura de poder e dominação de um sobre o outro. São por esses motivos que esta pesquisa pretende analisar como a cultura e a sociedade reafirmam essas visões binárias e as relações de gênero no que diz respeito à dicotomia homem-mulher.

Assim, este trabalho busca contribuir para um desvelamento dos comportamentos ligados à questão de gênero, baseados em saberes sociais e tradições culturais que precisam ser compreendidos e analisados para que o ser humano seja mais livre em suas próprias escolhas.

A questão do gênero modifica o comportamento humano, os preceitos que o indivíduo tem de si mesmo, as estruturas da sociedade e as relações entre as pessoas. Por isso, os estudos do gênero são tão importantes e vêm crescendo cada vez mais. É necessário compreender como a dicotomia homem-mulher influencia diretamente a vida e as ideias do ser humano em geral.

2 O GÊNERO NA PERSPECTIVA DE JUDITH BUTLER

Judith Butler estuda sobre diversos temas, entre eles: a categoria da identidade, do sujeito, do sexo e do gênero, essas três categorias se entrelaçam, pois de fato, para ela são categorias construídas, são efeitos das redes dos discursos e da lei, são construídas de acordo com as malhas dos discursos em um determinado contexto histórico. Butler não procura

definir o gênero como algo fixo, estável e imutável, ela pretende analisar como essa categoria é construída, de que forma, em qual contexto histórico, sob quais discurso e quais instituições o conceito do gênero se forma. Essa produção disciplinar do gênero leva a efeito uma falsa estabilização do gênero, no interesse da construção e regulação heterossexuais da sexualidade no domínio reprodutor (BUTLER, 2021, p. 234).

O gênero não é de modo algum uma identidade estável nem locus de agência da qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade instituída por meio de repetição estilizada de atos (BUTLER, 2021, p. 03).

Assim, ao estudar, escrever e analisar essas categorias, Butler empreende “uma investigação genealógica da constituição do sujeito” (SALIH, 2018, p. 21). Essa investigação é o ponto central da teoria do gênero em Judith, pois “supõe que o sexo e o gênero são *efeitos* – e não causas – de instituições, discursos e práticas;” (SALIH, 2018, p. 21) Logo, “nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas elas nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero.” (SALIH, 2018, p. 21) Somos enquanto sujeitos que vive dentro das relações de poder dos discursos, marcados a todo tempo por esses saberes. Eles formam nossas identidades, nosso gênero e nossa subjetividade. Assim, a construção do sujeito é categorizada dentro dos limites dos discursos e saberes que regem um determinado momento histórico.

Sendo assim, por muitas vezes Butler critica a ideia fixa dessas categorias, portanto, sua tarefa se baseia em “formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica as categorias de identidade, que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam.” (BUTLER, p. 24, 2021) É importante ressaltar que por mais que a filósofa afirme que a identidade de gênero é altamente marcada e constituída pelos discursos, ela também acredita que é possível voitar dentro dessas categorias, pois dentro do próprio discurso abre-se possibilidades de criação de novas perspectivas, mesmo que tal discurso seja hegemônico, como é o caso do discurso heteronormativo, que atinge, modifica e constitui a visão binária que temos do gênero, classificados dessa forma como homem e mulher.

Pensar o gênero é como pensar o próprio sujeito. Afinal, o que seria do sujeito fora da categoria de gênero? Nesse caso, seria o gênero então o próprio sujeito? São perguntas frequentes quando questionamos o que é o gênero, ou como este vem sendo construído – e que experiência fazemos dele – na cultura ocidental.

De fato, ao remeter ao gênero, referimo-nos a algo de que fazemos a experiência desde o nascimento e que, aparentemente, está enraizado em nosso corpo, tendo sido biologicamente gerado com ele. Quando nascemos, somos designados com um sexo, neste

caso, macho ou fêmea, a depender do órgão genital com que se nasce. Entretanto, é a partir da interação com os outros no interior de nossa cultura e da rede discursiva por ela engendrada que se elabora a experiência do gênero, ao menos como ela se define numa matriz heterossexual que abarca a diferença entre os gêneros masculino (homem) e feminino (mulher). A rede discursiva de nossa época e as relações intrínsecas entre saber e poder que estão em jogo nela e por ela é que determinam, em nossa cultura, essa experiência, isto é, não há a categoria do gênero fora do discurso, o gênero não pode ser preexistente ao discurso, ele é formado e transformado a todo momento por ele.

Segundo Michel Foucault, o poder não se encontra concentrado num lugar específico. Ele se perpétua nos discursos e nas relações de poder que nos atravessam a todo tempo. Como declara em *História da sexualidade 1: a vontade de saber*,

[...] O poder está em toda parte; não porque engloba tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e em troca procura fixá-las.[...] o poder não é uma instituição nenhuma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 2015, p. 101)

É importante destacar que, nessa concepção de poder que é repetitivo, auto reprodutor e procura se fixar, trata-se de relações de forças que se dão por meio de discursos que dizem a verdade sobre nós – uma verdade produzida historicamente –, tais como o discurso médico, o jurídico e mesmo o religioso.

Parece-nos pertinente pensar o gênero a partir dessa compreensão de relações de forças exercidas pelo discurso verdadeiro, pois, segundo essa lógica, seria impossível negar a contribuição dos discursos médico, jurídico e religioso na formulação do gênero dentro da matriz heterossexual. Uma vez estabelecida a partição em dois grupos, tudo o que não lhe é conforme, é estrangeiro, a exemplo das travestis, por muito tempo patologizadas.

Mesmo que nessa pesquisa seja definido nosso campo de estudo sob o os gêneros homem e mulher, é importante uma problematização rápida a respeito de outros gêneros, como é o caso das travestis. Dentro de um discurso heteronormativo elas não têm poder de falar, pois são consideradas um ponto fora da norma estabelecida por esse discurso, elas estão as margens, excluídas e são vistas como algo que não deveria existir.

A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não “possam” existir – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’[...] (BUTLER, 2021, p. 44).

Assim, fica nítido o papel criador e transformador do discurso, é através desses discursos que se produz conceitos como homem e mulher e que acabamos por absorver, formando assim a identidade, o sujeito e o gênero. O gênero para Butler é um efeito gerado por esses discursos, esse efeito, faz com que interpretemos um papel, ou seja, performamos atos que condizem com o conceito de homem e mulher.¹

Judith Butler, em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, inspirada em Foucault (2021, p. 45), afirma: “[...] a categoria do sexo é compreendida, dependendo de como se articula o campo do poder. [...]”. Aqui, podemos substituir o termo sexo pelo termo gênero, deixando claro que, a categoria do gênero é compreendida a depender de como se articula o campo do poder.

Igualmente segundo Judith Butler, um dos pontos principais para entender a construção do gênero no mundo ocidental, é compreender que as sociedades ocidentais são altamente marcadas pelo discurso da heteronormatividade: espera-se que haja uma relação entre sexo, gênero e desejo. Ou seja, se se nasce com um órgão genital feminino, o sexo atribuído ao neonato é fêmea, seu gênero deve ser o feminino e acredita-se que o seu desejo deve ser conduzido em direção ao sexo e gênero opostos, sempre em conformidade com uma relação heterossexual, compreendida como norma em nossa cultura. A essa relação, Butler dá o nome de “gêneros inteligíveis”.

Retomemos Foucault, quando afirma que o poder procura se fixar. Pode-se perceber que os discursos heterossexuais dentro do campo da medicina e da religião contribuem consideravelmente para que se torne hegemônica a concepção a que se refere Butler. É por esse motivo que Judith Butler não entende o gênero como causa, mas como efeito, mais precisamente efeito do discurso e da lei. O gênero, dentro dessa mesma perspectiva, só pode existir a partir do discurso. Como afirma Sara Salih ao citar Butler,

As identidades de gênero são construídas e constituídas pela linguagem, o que significa que não há identidade de gênero que preceda a linguagem. Se quiséssemos, poderíamos dizer: não é que uma “identidade” faça o discurso ou a linguagem, mas é precisamente o contrário – a linguagem e o discurso é que “fazem” o gênero. Não existe um “eu” fora da linguagem, uma vez que a identidade é prática significativa, e os sujeitos culturalmente inteligíveis são efeitos e não causas do discurso que ocultam a sua atividade (SALIH, 2018, p. 91).

A compreensão do gênero como efeito e não como causa é um dos pontos chaves para entender um dos principais conceitos de Butler. Nela o conceito de performatividade desempenha um papel crucial. Segundo a filósofa, há uma diferença entre performatividade e performance. Esta requer um ator antes do feito, enquanto a performatividade não o reclama.

¹ É importante ressaltar que Butler não trabalha com a ideia de que há um ator por detrás dos atos de performatividade.

A ideia de performatividade entra na reflexão de Butler para explicar, auxiliar no entendimento de que o gênero é uma sequência de atos praticados pelo próprio sujeito. Por esse mesmo motivo, o gênero é visto como efeito e não como causa. Essa compreensão nos parece fundamental, pois permite perceber que o sujeito não é preexistente aos atos, mas, ao contrário, se constrói a partir deles.

O gênero é um ato que faz existir aquilo que ele nomeia: neste caso um homem ‘masculino’ ou uma mulher ‘feminina’. As identidades de gênero são construídas e constituídas pela linguagem, o que significa que não há identidade de gênero que preceda a linguagem. Se quisermos, poderíamos dizer: não é que uma identidade “faça” o discurso ou a linguagem, mas é precisamente o contrário – a linguagem e o discurso é que “fazem” o gênero. Não existe um “eu” fora da linguagem, uma vez que a identidade é uma prática significativa, e os sujeitos culturalmente inteligíveis são efeitos e não causa dos discursos que ocultam a sua atividade. (BUTLER, ano, p. 145) É nesse sentido que a identidade de gênero é performativa. (SALIH, 2018, p. 91).

Assim, é justamente pelo fato de o gênero ser efeito do discurso que ele pode ser transformado, dentro da própria malha discursiva. Já que o discurso é tanto um ato político como um ato de poder, permite que o gênero possa voitar dentro dessa categoria.

Butler deixa claro que não há como modificar o gênero fora do discurso, tendo em vista que o gênero não é anterior a ele. A essa forma de modificar o gênero dentro dos discursos, Butler dá o nome de subversão,

[...] a reconceituação da identidade como *efeito*, isto é, como *produzida* ou *gerada*, abre possibilidade de “ação” que são insidiosamente excluídas pela postura que tomam as categorias da identidade como fundantes e fixas. Pois o fato de uma identidade ser um efeito significa que ela não é nem inevitavelmente determinada nem totalmente artificial e arbitrária. (BUTLER, 2021, p. 253).

Em seus estudos Judith Butler analisa o gênero, o sujeito e as identidades, ela está interessada em entender quais e como algumas estruturas de poder influenciam o sujeito e o gênero. Sara Salih (2018) que em suas obras Butler faz uma análise profunda sobre o sujeito, para ela existe uma consequente e constante desestabilização da categoria de sujeito, a esse processo ela nomeia de “uma genealogia crítica das ontologias de gênero”.

O gênero e o sujeito, segundo a filósofa, não são categorias fixas, inclusive Butler faz um critica grande ao feminismo, pois segundo ela a concepção de mulheres dentro do feminismo é de uma categoria definida, segundo a filósofa ela afirma: “[...] O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis e permanentes. [...]” (BUTLER, 2021, p. 18) ou seja, para ela categorias como a identidade, o sujeito e o gênero não pode ser

compreendida como fixas e naturais, pois elas estão sempre sendo transformadas dentro das práticas e dos discursos.

A crítica genealógica recusa-se a buscar a origem do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual feminina ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como *origem* e *causa* categorias de identidade que, na verdade, são *efeitos* de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos (BUTLER, 2021, p. 09).

O gênero para Butler não pode ser nem verdadeiro e nem falso, ele apenas é um efeito do próprio discurso que é carregado de poder, uma fabricação por assim dizer. O gênero são atos exercidos pelo sujeito mediante a ideia discursiva de cada momento histórico. O gênero não pode ser preexistente ao sujeito, mas ele é construído e muitas vezes não é questionado pelo sujeito.

Portanto, o que existe não é um gênero verdadeiro ou falso, mas um discurso, considerado um discurso de verdade que opera dentro das relações de poder que garante a fabricação da categoria do gênero.

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros e nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável. [...]” (BUTLER, 2021, p. 234).

Por mais que não seja a ideia desse trabalho analisar o conceito de sexo (de forma biológica) mediante as teorias de Judith Butler, se torna importante comentar um pouco sobre a noção de sexo e gênero. Tendo em vista que para Butler ao escrever sobre o gênero e desconstruí-lo, o classificando como um conceito fabricado dentro da lei e do discurso, para ela, o sexo, é assim como o gênero, uma categoria construída. “talvez, o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero” (BUTLER, 2021, p. 27).

Butler não acredita que haja uma ligação entre sexo, gênero e desejo, para ela o sexo não determina o gênero, pois ambos são categorias construídas de acordo com as redes de discursos. O que existe é um forte discurso heteronormativo, que impõe como norma que o gênero dependa, seja de acordo com o sexo de nascimento e o desejo do indivíduo seja pelo gênero e sexo oposto ao seu. Esse binarismo sexual e de gênero, essa norma imposta pela matriz heterossexual, faz parecer como algo natural o gênero decorrer do sexo e até certa medida, faz parecer como normal a linearidade sexo/gênero/desejo.

Dessa forma, o discurso heteronormativo impregnado em muitos outros saberes que reforçaram essa visão, acredita que o sexo biológico é uma categoria natural e portanto o gênero decorrer do sexo é a norma, dessa forma, seria natural, normal e o desejável, que uma

pessoa designada com o sexo fêmea se identifique e aja de acordo com o que se diz ser mulher e tenha desejos por homens, toda essa linearidade e continuidade se dá a partir da binaridade sexual, baseada na noção de sexo como algo natural.

No entanto Butler rompe com a teoria de que o sexo é algo natural, fixo e preexistente ao sujeito, para ela o sexo é assim como o gênero uma construção social, fabricado dentro de um discurso heteronormativo e de uma binaridade visível.

Faz-se essencial questionar sobre a “naturalidade” do sexo, e como o mesmo é definido pelos discursos científicos. A citação acima ilustra a possibilidade deste questionamento, de que o sexo não possui um caráter imutável pelo simples fato de ser contestável. Não faz sentido afirmar que o gênero é um dado cultural se ele advém do sexo que é considerado um dado natural. Se assim fosse, o gênero não precisaria ser construído socialmente, ele seria “naturalmente” determinado, já que é estabelecido pela natureza (sexo) (PACHECO, 2016, p. 377).

Portanto, para desconstruir a própria noção de gênero como algo natural, Butler busca desconstruir também a noção de sexo como algo natural, estável e fixo, pois para ela, não existe uma linearidade fixa entre sexo/gênero/desejo, para ela o gênero não decorrer do sexo, porque a categoria do sexo é igualmente construída como o gênero. “[...] Considerando que o “sexo” é uma interpretação política e cultural do corpo, não existe a distinção sexo/gênero em linhas convencionais; o gênero é embutido no sexo, e o sexo mostra ter sido gênero desde o princípio. [...]” (BUTLER, 2021, p. 197). Para ela tanto a categoria de sexo como de gênero não pode ser vista como natural, preexistente ao sujeito e nem fixas, pois essas noções de sexo e gênero, só existe de acordo com a articulação do poder em determinados discursos.

O fato de muitas pessoas não seguirem a linearidade sexo/gênero/desejo demonstra como a categoria do sexo e do gênero não são estáveis e como o gênero de forma alguma é decorrente do sexo.

Portanto, gênero não é realmente decorrente do sexo, pois o gênero não tem como se fixar ao sexo sendo que este também é uma categoria discursivamente construída e fabricada. Logo é possível perceber que todas as noções de identidade de gênero (homem e mulher), sexo biológico (macho, fêmea), feminilidade e masculinidade são noções discursivamente construídas dentro de uma malha de discurso em uma cultura onde a matriz heterossexual é muito forte e sendo assim, projeta sobre esses conceitos uma visão binária e uma norma pautada na heteronormatividade.

2.1 Atos, gênero e performatividade em Judith Butler

Para compreender de fato a noção do gênero em Judith Butler foi necessário primeiro entender como o gênero é moldado, transformado, modificado e constituído dentro das redes discursivas, agora falaremos como o gênero se constitui como um ato performativo, portanto, trabalharemos nesse subcapítulo novamente o conceito de gênero, dessa vez com maior foco no conceito de performatividade segundo Judith Butler.

Para Butler o gênero não é natural, ele é construído, sendo assim, ao nascermos não entendemos o que é o gênero, nem fazemos distinção entre os gêneros, mas aprendemos através dos discursos, principalmente o heteronormativo e através da educação de algumas instituições (família, escola, igreja) o que é ser homem e o que é ser mulher. Para Butler, esse aprender se configura em uma ação de atos repetidos diariamente e por toda a vida pelos sujeitos.

Durante toda a nossa formação enquanto sujeito dentro das relações de poder dos discursos somos alvejados com informações que definem as categorias do gênero. Essas informações, esses discursos penetram em nós de tal forma que absorvermos muitas vezes sem questionar e desenvolvemos atos performativos de acordo com cada gênero, isto é, uma espécie de encenação, de acordo com essa concepção, para Butler, esses atos performativos é o que constrói também a ideia do gênero.

Sara Salih (2018) afirma que segundo Butler a feminilidade não é uma escolha, mas a citação forçada de uma norma. Isto quer dizer que não existe naturalmente uma categoria pré-definida do conceito de feminino e masculino fora dos discursos. O que contribui muito para essas definições dos gêneros homem e mulher é o discurso presente na matriz heterossexual que tem uma visão maniqueísta e binária do gênero. Mas, o que seria uma citação forçada da norma? Esse conceito de citação que é derridiano, é muito importante para Butler desenvolver o seu conceito de performatividade.

Butler usa “citação num sentido especificamente derridiano para descrever as formas pelas quais normas ontológicas são empregadas no discurso, algumas vezes de modo forçado, outras não (SALIH, 2018, p. 127).

Assim, quando se diz “sou uma mulher” espera-se que exiba traços femininos tanto corporais como “atos femininos”, essa visão acontece devido as normas ontológicas que são empregadas no discurso, e os atos descritos acima nada mais é do o conceito de performatividade em ação. Pois para Butler o gênero são atos performativos, repetidos a todo momento pelo sujeito.

O conceito de performatividade em Butler é um de seus conceitos principais para entender a noção do gênero descrita por ela, a filósofa acredita que o sujeito é construído a

partir do discurso e esse sujeito “afirma” seu gênero a partir de atos performativos praticados e repetidos ao longo de sua existência. Dessa forma para Butler gênero é,

[...] o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um ‘eu’ generificado permanente. Essa formulação desloca o conceito de gênero para além do domínio de um modelo substancial de identidade para um modelo que exige uma concepção de temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído por atos internamente descontínuos, o aparecimento da substância é precisamente isso: uma identidade construída, uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença [...] (BUTLER, 2018, p. 03).

É importante salientar que esses atos são reencenados a todo momento, porém os “atores” que os interpreta não estão conscientes dessa interpretação. “[...] uma identidade construída, uma realização *performativa* em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença. [...]” (BUTLER, 2021, p. 243). Assim, o sujeito não acredita estar interpretando um gênero, pois de fato, o gênero só se constitui enquanto gênero à medida que se realiza os atos performativos. Esses atos são de certa forma, o próprio discurso marcado no corpo do sujeito.

Sendo assim, além do gênero ser marcado pelo discurso, ele também é marcado pelo corpo através dos atos performativos, esses atos são fabricados dentro das redes do discurso e são absorvidas e encenadas pelo sujeito através do seu corpo, praticando atos de acordo com um gênero determinado. Por mais que Butler em seus livros utilize a palavra *performance* e atores, ela não admite em sua teoria que aja um sujeito preexistente por trás dos atos performativos, isto é, um ator consciente de uma encenação. “Butler *não* está sugerindo que a identidade de gênero é uma *performance*, pois pressuporia a existência de um sujeito ou um ator que está *fazendo* tal *performance*.” (SALIH, 2018, p. 22) Existiria dessa forma, um ator preexistente antes da encenação, porém o gênero só se constitui enquanto gênero à medida que os atos performativos são encenados, não existe antes da “encenação” um ator que compreende que está encenando.

Os atos performativos são constituídos assim como o conceito do gênero dentro de um discurso hegemônico da matriz heterossexual, logo, esses atos são marcados por um forte binarismo e uma forte influência da heteronormalização. “Os atos e gestos, os desejos articulados e postos em atos criam uma ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora.” (BUTLER, 2021, p. 235).

Logo, o sujeito e o gênero do sujeito são formados e transformados por dois pontos principais, a rede de discurso presente em determinado contexto histórico e os atos performativos por esse sujeito encenado e corporificado. “Butler descreve-o como um sujeito-em-processo que é construído no discurso pelos atos que executa” (SALIH, 2018, p. 65).

Cabe aqui ressaltar que o contexto histórico é um dado importante para a construção da identidade do gênero e do sujeito, pois, o corpo do sujeito está sempre sendo influenciado pela história e pelo contexto histórico. Dessa forma, os próprios atos performativos estão ligados aos discursos engendrados em tal contexto histórico, pois todo contexto histórico é carregado de discursos e saberes que criam diversos conceitos.

Surge então, a seguinte pergunta como o sujeito aprende a encenar os atos performativos? Para Butler esses atos estão sendo realizados antes mesmo do sujeito encenar, quando uma criança aprende a performar seu gênero, ela aprende quando observar outras pessoas encenando.

Já estavam sendo realizado antes de esse alguém entrar em cena. Assim, o gênero é um ato que já foi ensaiado, assim como um roteiro sobrevive aos atores que fazem uso específico deles, mas depende de atores individuais para ser novamente atualizado e reproduzido como realidade (BUTLER, 2018, p. 11).

Quando uma criança nasce ela é ensinada de acordo com o seu sexo a diferenciar atos masculinos e femininos, ao mesmo tempo em que aprende a encenar tais atos performativos, atos que já estão em ação com outros atores antes de seu nascimento, e ao ser encenado por esse novo sujeito, é reafirmado como real diante do seu corpo.

Para Butler “a “realidade” do gênero é construída pela própria performance” (BUTLER, 2018, p. 12) O gênero em si, não é uma categoria real preexistente ao discurso e ao sujeito, é uma categoria construída, que só se torna real a medida é performada. “Dizer que a realidade do gênero é performativa significa, de maneira muito simples, que ela só é real na medida em que é performada.” (BUTLER, 2018, p. 12) Ainda assim, falar sobre a realidade do gênero através dos atos performativos é um pouco problemático, pois os atos performativos são também construídos. Creio que essa realidade que a Judith Butler expõe é uma realidade marcada pela performance em si, pelos atos performativos executados pelo sujeito, a realidade está na ação dos atos, pois o próprio conceito de performatividade afirma que esses atos são influenciados, modificados e também construídos dentro de uma matriz heterossexual. Mas, só o sujeito pode fazer torne-se real o seu gênero quando encena os atos performativos.

O conceito de performatividade introduz a identidade de gênero como construída através das redes de discursos e da repetição dos atos performativos. É uma sequência de atos realizados pelo sujeito de acordo com a visão do gênero na matriz heterossexual.

Assim, em que sentido o gênero é um ato? Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. [...]” (BUTLER, 2018, p. 242).

Os atos performativos, o conceito de performatividade também perpassa pelas relações de poder que atinge diretamente o gênero, pois, se o gênero é uma repetição de atos performativos, então, os atos performativos também são construídos e influenciados pelos mesmos mecanismos que constroem o gênero. “[...] a chamada identidade de gênero é uma realização performativa compelida por sanções sociais e tabus [...]” (BUTLER, 2018, p. 03).

O gênero é construído e marcado pelos discursos, mas é nos atos performativos que o gênero se constrói enquanto materialidade. “Como não existe uma “essência” que o gênero expresse ou externalize nem um objeto ideal ao qual aspire; como o gênero não é um fato, os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, sem esses atos, não haveria gênero” (BUTLER, 2018, p.6)

O gênero é, portanto, construído pelo discurso e pela sequência de atos performativos repetidos pelo sujeito, é uma forma de encenação do gênero, não que o sujeito seja um ator praticando uma performance teatral, o sujeito é o seu próprio gênero a medida que sequencia esses atos performativos.

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretende expressar são *fabricadas* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separados dos vários atos que constituem sua realidade (BUTLER, 2018, p. 235).

Ao mesmo tempo em que esses atos performativos criam e reafirmam o conceito de gênero dentro da matriz heterossexual, os atos performativos são também criados e influenciados pelo conceito de gênero. Como uma simbiose em que um influencia, modifica e transforma o outro. A categoria da identidade do gênero é senão uma construção da lei e dos discursos e é ao mesmo tempo os atos performativos encenados pelo sujeito.

3. BINARIDADE E DICOTOMIA DOS GÊNEROS HOMEM E MULHER

No capítulo anterior compreendemos, analisamos e discutimos o conceito de gênero e de performatividade a luz das teorias de Judith Butler. Nesse capítulo, procuraremos entender como funciona as estruturas e os mecanismos de poder que atuam sobre o gênero e o sujeito que implica nessa visão binária dos gêneros.

Ao propor o gênero e o sexo biológico como uma categoria construída dentro da malha do discurso, dentro dos mecanismos de poder e dentro da lei, Butler rompe com a visão do gênero como preexistente ao sujeito. O gênero se transforma e se constrói junto com o sujeito dentro dessas estruturas de poder e discurso. Portanto, a identidade de gênero é construída e ao mesmo tempo transformada por essas redes de discursos carregadas de poder.

Ao questionar a categoria do sexo biológico (macho e fêmea) e entendê-lo como uma categoria construída como a identidade de gênero, é possível questionar a implicação sexo-gênero. Isto é, podemos então, questionar a ideia de que o gênero decorre do sexo.

A teoria de que o sexo e o gênero estão interligados e que o gênero depende do sexo de nascimento coloca o sujeito dentro de um determinismo e diminui muito suas possibilidades de se deslocar dentro das identidades de gênero. Ao configurarmos o gênero como dependente do sexo, afirmamos também que quando um sujeito nasce com o sexo biológico macho, logo, necessariamente ele precisará se tornar um homem, a mesma situação acontece quando uma criança nasce com sexo biológico fêmea e precisará ao longo de sua vida se tornar uma mulher. Simone de Beauvoir já afirmava “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 08) para denunciar que a identidade de gênero não é natural e preexiste ao sujeito e que muito menos dependeria do seu sexo de nascimento. Para a filósofa a categoria do gênero nada mais é do que uma categoria construída. Ao supormos que o gênero decorre do sexo e que um indivíduo deve se tornar homem ou mulher de acordo com o seu sexo biológico, dividimos essas categorias em uma binaridade de sexo e uma binaridade de gênero.

As polarizações e o binarismo constituintes dos discursos os fazem agir de modo eficiente à medida que, ao mesmo tempo, produz e reproduz o sujeito idealizado pela norma social e o outro – um outro reconhecido sempre pelo o que ele *não é*, pelo o que não se diz, pelo o que inexiste na ordem *natural* das coisas. E a primeira metáfora ser domesticada no/pelo discurso da normalidade é o corpo e o sexo. Assim nos contextos escolares, o corpo escolarizado não é apenas o corpo do aprendiz. Trata-se, antes, de um corpo feminino ou masculino que deve aprender a se comportar de acordo com o que a *natureza* desenhou e isso significa se enquadrar, no *tempo certo*, na linearidade da sequência corpo-gênero-sexualidade (BRAGA, 2012, p. 31-32).

No entanto, categorias como identidade de gênero, homem e mulher, são passíveis de muitos questionamentos e problemáticas, podemos nos perguntar: O que é o gênero? O gênero é entendido apenas dentro da dicotomia homem e mulher? O que é, necessariamente,

ser uma mulher ou ser um homem? Quais comportamentos e atitudes cabem dentro do gênero feminino e do gênero masculino?

Podemos dizer que ser mulher é exercer a feminilidade e ser homem é exercer a masculinidade. Mas, então, perguntaríamos, o que é feminilidade e o que masculinidade? De fato, a sociedade dita regras de comportamento desde sempre e de fato, nosso sistema cultural é marcado por um forte maniqueísmo: razão e loucura, verdade e mentira, homem e mulher, feminilidade e masculinidade.

Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade "corre perigo"; e exortam-nos: "Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres". Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade (BEAUVOIR, 1970, p. 07).

Assim, ser mulher não é tão somente nascer fêmea, mas exercer a feminilidade, é ser feminina, é se distanciar da ideia pressuposta da masculinidade, pois, exercer a “masculinidade” enquanto se afirma ser mulher, é colocar em xeque a ideia de ser mulher. De acordo com a perspectiva de Beauvoir podemos também questionar a categoria da feminilidade. Será que de fato é natural e preexistente ao sujeito ou é construída como as categorias do gênero? De acordo com as teorias de Judith Butler o gênero é construído através de atos performativos, para ela esses atos performativos são ao mesmo tempo o gênero do sujeito, como também, uma encenação. Mas, por que uma encenação? A própria categoria do conceito de “masculinidade” e “feminilidade” carrega um forte poder simbólico, simbólico no próprio sentido de ser marcado por um discurso que atribui símbolos, isto é, comportamentos e atos a cada uma dessas categorias. Portanto, encenar, fazer atos performativo, é performar um gênero.

Para performar um gênero é necessário ter em mente quais comportamentos e atos pertencem ao gênero mulher e quais pertencem ao gênero homem, quais atos e comportamentos pertencem a categoria da feminilidade quais pertencem a categoria da masculinidade. Essa divisão binária de comportamentos e atos de acordo com cada gênero só é possível por conta de uma rede de discursos que atravessam a subjetividade do sujeito, todo sujeito, todo gênero, as categorias da feminilidade e da masculinidade é, portanto, formada e construída dentro de uma malha de discursos e saberes. Esses discursos e saberes que são carregados de poder atravessam o sujeito de forma que contribuem para construção da sua subjetividade e para a sua identidade de gênero, assim, o sujeito e sua identidade de gênero é formada e construída dentro das redes de discursos que por muitas vezes ditam a norma do que é ser homem e mulher.

O sujeito ao ser atravessado por esses discursos performa atos que contribuem para a manutenção e a para a reafirmação desses saberes, logo, o sujeito, performa aquilo que ele acredita ser. Essa visão é imposta por uma sequência estabelecida em relação ao sexo biológico que induz ao gênero do sujeito, que induz ao seu desejo e as práticas sexuais. Isto é, o sexo biológico do sujeito fêmea implica que esse sujeito “deva” ser uma mulher, e o seu sexo e o seu gênero implicam que ela sentirá desejo por um homem e que terá práticas sexuais com o mesmo. Logo, há uma divisão e um binarismo muito forte nessa perspectiva que marca nossa sociedade, nossos saberes e o próprio sujeito. Saberes como o teológico, o biológico, o psiquiátrico, o jurídico e outros tipos de instituições marcam a cultura, a sociedade e os sujeitos de forma relevante. “Os discursos religiosos, judiciário, terapêuticos e, em parte também, políticos, não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedade singulares e papéis preestabelecidos.” (FOUCAULT, 2014, p. 37).

Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar o lugar – ou talvez o teatro muito provisório – do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 08).

Foucault entende e compreende o poder que está dentro do discurso, porque ele sabe que esses discursos contribuem para a formação do sujeito, os procedimentos dos quais Foucault fala faz com que percebemos que o discurso não é algo aleatório, neutro, mas sim, um saber carregado de poder nas relações sociais, que constrói a subjetividade do sujeito e visão binária dos gêneros.

Se o binarismo presente nas identidades de gênero são efeitos dos discursos hegemônicos, então podemos questionar: quem fala sobre o gênero? Quem tem o poder de fala sobre tal categoria? Foucault em suas pesquisas analisa os discursos concebidos em determinado momento histórico e como esses saberes influenciam o indivíduo em termos de sua subjetividade, de sua vida social e de um aspecto cultural. Em *História da sexualidade v I* Foucault em primeira instância trabalha com a “hipótese repressiva”, porém mesmo sob um domínio repressivo ainda se fala sobre o sexo, há uma incitação do discurso sobre o sexo.

Foucault buscar analisar não em termos de repressão o que pode e o que não se pode dizer, ele busca primariamente compreender os discursos e saberes e como esses se estruturam dentro da sociedade, da cultura e das relações de poder. Para ele mais importante

do que saber o que se fala sobre o sexo, é saber quem fala, onde se fala e como se dá as relações de poder dentro desses discursos.

Portanto, Foucault analisa de onde surge os discursos, como, quem tem o poder de fala, em resumo, procura compreender os mecanismos de poder que age dentro das redes de discurso. O discurso sobre o gênero está presente em diversas instituições de saberes, cada instituições com seu próprio saber e ponto de vista, as instituições religiosas baseiam seu discurso na fé e no saber teológico, o discurso medico e psiquiátrico baseiam seus sabres na ciência. O que importa é que cada uma dessas instituições contribui de determinada maneira para a construção do gênero e para o conceito do gênero homem e mulher e seu consequente binarismo.

Para Judith Butler o gênero não é causa porque não é uma categoria natural, é uma categoria construída, portanto, é efeito do discurso, sendo assim, que discurso marca tão fortemente a categoria dos gêneros? Para a autora é o discurso que gira em torno da matriz heterossexual, criando uma cultura heteronormativa que produz e busca manter as estruturas dos gêneros inteligíveis.

Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, pratica sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerências, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas casuais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente construído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da pratica sexual (BUTLER, 2018, p. 43).

O discurso heteronormativo que contribui para categorizar o que seria a norma das relações sexual, do desejo e do gênero cria e produz os gêneros inteligíveis, esses gêneros são a linearidade e a continuidade do sexo biológico/gênero/pratica sexual/desejo. Todo gênero que não é um gênero inteligível é visto como excluído desse discurso, é visto a margem, é visto como anormal. Assim como Foucault em História da sexualidade: a vontade de saber (2015) falava sobre as sexualidades ilegítimas, que eram aquelas que não se adequavam ou se encaixavam no discurso dominante da época, podemos também falar em gêneros considerados ilegítimos dentro da heteronormatividade e da matriz heterossexual.

A matriz heterossexual e o discurso heteronormativo são estruturas que constroem e reafirmam incessantemente o sistema binário dos gêneros, dividindo e categorizando o que é ser homem e o que é ser mulher. Com discursos como estes é possível notar uma cisão e ao mesmo tempo uma continuidade, uma cisão entre o “mundo masculino” e o “mundo feminino” e uma continuidade, dependência e determinismo na ordem

sexo/gênero/desejo/práticas sexual. Dessa forma, a heteronormatividade que é composto por diversos discursos que reafirmam essas narrativas (como o discurso médico, psiquiátrico e jurídico) dita a norma do que é ser mulher e do que é ser homem, do masculino e do feminino e do implica nascer com determinado sexo. “[...] Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional. [...]” (BUTLER, 2021, p. 52) da mesma forma “[...] Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo. [...]” (BUTLER, 2021, p. 52).

A heteronormatividade (do grego hetero, "diferente"; e norma, "esquadro em latim") designa o enquadramento das relações até mesmo as homossexuais a partir do modelo heterossexual. A heteronormatividade sintetiza o conjunto de normas prescritas, explícitas ou não, que marcam toda a ordem social e não apenas o que concerne a escolha do parceiro amoroso, mas também ao conjunto de instituições, estruturas de compreensão e orientação prática que se apoiam na heterossexualidade como ponto de referência nodal. Nesse sentido, não apenas se reproduzem as relações homem/mulher, masculino/feminino, mas também as relações de subalternização provenientes das hierarquias de gênero (BRAGA, 2012, p. 18).

Por mais que o binarismo sexual e de gênero atinja fortemente o sujeito, principalmente por meio da heterossexualidade compulsória, da matriz heterossexual e da heteronormatividade marcada por saberes disseminados nas redes dos discursos, essa “norma”, essa binaridade de gênero e sexo e essa continuidade sexo/gênero/desejo/práticas sexuais não é universal. Tendo em vista as diversas identidades de gênero que subvertem essa “norma”, como é o caso do transexual que não se limita e extrapola a linearidade sexo/gênero/desejo/práticas sexual, pois gênero do homem ou da mulher trans dentro do discurso heteronormativo não condiz com o seu sexo biológico.

Assim, mesmo que a heteronormatividade atinja diretamente o sujeito em sua construção e fabrique o gênero, ainda há possibilidade de subversão dentro do discurso. Essa subversão abre portas e possibilidades de voitar dentro da categoria de gênero e “superar” essa binaridade imposta.

A *performace da drag* brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero da *performance* de gênero. Se a anatomia do performista já é distinta do seu gênero, e se os dois se distingue do gênero da *performance*, então a *performance*. Por mais que crie uma imagem unifica da “mulher” (a que seus críticos se opõem frequentemente), o travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizadas como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual. *Ao imitar, o gênero a drag revela*

implicitamente a estrutura imitativa do gênero – assim como sua contingência. [...]” (BUTLER, 2021, p. 237).

No entanto, mesmo dentro da transexualidade ainda é possível observar esse binarismo presente dentro do conceito de performatividade, isto é, atos performativos que fabricam o gênero. “[...] o gênero de uma travesti é tão plenamente real quanto o de qualquer pessoa cuja performance atende as expectativas sociais.” (BUTLER, 2018, p. 12) Esses atos performativos trazem consigo fortemente o conceito de feminilidade e de masculinidade, assim, a mulher performa atos femininos e o homem performa atos masculinos, pois dentro da categoria heteronormativa é a feminilidade que constituem a mulher e é a masculinidade que constituem o homem. Mas, podemos nos perguntar, será se o gênero de um transgênero é tão real quanto o gênero de uma pessoa cis gênero?²

Para Butler, a resposta é sim. Dentro das identidades de gênero não podemos afirmar um gênero como real e outro como falso, tendo em vista que a identidade de gênero é uma categoria construída e reafirmadas pelos sujeitos com os atos performativos, o gênero não é preexistente ao sujeito, ele construído pelo/no discurso e na lei e é materializado no corpo do sujeito através dos atos performativos.

As várias maneiras pelas quais um corpo mostra ou produz seu significado cultural, são performativos, não há nenhuma identidade pré-existente a partir da qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria nenhum ato de gênero verdadeiro ou falso, real ou distorcido, e a postulação de uma verdadeira identidade de gênero seria revelada como uma ficção regulatória (BUTLER, 2018, p. 13).

No entanto, mesmo quando falamos de identidade de gênero que subverte as estruturas do binarismo sexual e a linearidade sexo/gênero/desejo/práticas sexuais, como é o caso dos transexuais ou transgêneros, ainda sim, é marcado e reforça o binarismo de gênero e a estrutura de uma matriz heterossexual através dos os atos performativos, portanto, esse gênero não é menos real do que a noção que temos de uma de identidade primaria ou original do gênero, isto é, pessoas cis e heterossexual, e também está inserido dentro dos mecanismos de poder que estruturam a binaridade dos gêneros. “[...] A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’ [...]” (BUTLER, 2018, p. 44).

² O termo transgênero é o termo utilizado para designar o indivíduo que não se identifica com o seu sexo de nascimento, isto é, quando uma pessoa nasce fêmea, mas se identifica com o gênero homem, a pessoa se denomina dessa forma como um homem trans; da mesma forma acontece com um sujeito que nasceu com o sexo biológico macho, porém se identifica como mulher, essa pessoa se denomina como uma mulher trans. Já o termo cis gênero é utilizado para designar pessoas que se identificam com o seu sexo biológico, um indivíduo que nasceu fêmea e se identifica como mulher, ou um sujeito que nasceu biologicamente macho e se identifica com o gênero homem.

O corpo do sujeito não é marcado somente ao nascimento de acordo com seu sexo biológico, quando assume que aquele sujeito é macho ou fêmea de acordo com seu órgão genital, pois quando uma criança nasce e ainda não está totalmente inserida dentro das malhas do discurso, porque ainda não aprendeu a linguagem, seja a linguagem oral, escrita ou de gestos e não tem como interpretar ou compreender os discursos. A única materialidade que a configura como macho ou fêmea é o seu órgão genital. Designar um sujeito como macho ou fêmea de acordo com o seu sexo biológico é a primeira forma que os discursos têm de marcar o corpo do sujeito e o primeiro binarismo sexual, isto é, um binarismo através dos sexos biológicos que divide as categorias o macho e a fêmea de acordo com seu sexo biológico e do seu órgão genital.

A segunda forma de marcar o corpo do sujeito e exercer a binaridade de gênero, é ensinar aquele sujeito, macho ou fêmea a se comportar, ou seja, a encenar o seu gênero de acordo com o seu sexo biológico designado ao nascimento. “[...] para Foucault, assim como para Nietzsche, os valores culturais surgem como resultado de uma inscrição no corpo, o qual é compreendido como um meio, uma página em branco; [...]” (BUTLER, 2021, p.225) Esse sujeito entendido como macho ou fêmea é ensinado a se tornar homem ou mulher e encenar esse papel através dos atos performativos.

A performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito (BUTLER, 2021, p. 242).

Portanto, a identidade de gênero é carregada por um forte binarismo, proveniente das estruturas de poder e dos discursos heteronormativo. O próprio discurso que molda, constrói e transforma o sujeito é em seu interior formado por mecanismos que buscam reafirmar as relações de poder.

O discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicando, e para o qual o poder funciona. Portanto, o poder não é nem fonte nem origem do discurso, já que o próprio discurso é um dispositivo estratégico de relações de poder (FOUCAULT, 2006, p. 253).

O binarismo presente no gênero é efeito dos discursos engendrados dentro de uma matriz heterossexual que constrói a heteronormatividade. É essas estruturas de poder que percorrem o interior do discurso e as instituições (como escola, igreja, família) que reafirma a heteronormatividade e a binaridade de gênero no sujeito desde o seu nascimento. Fazendo o absorver o que seria ser homem e ser mulher. De fato, a ideia de um binarismo de gênero à primeira vista parece natural e existente desde sempre, é possível ver que esse sistema é consolidado e reafirmado todo dia nas estruturas da nossa sociedade e na nossa cultura. Basta

ver que nas lojas existem as sessões de roupa consideradas femininas e as sessões de roupa consideradas masculina, assim como a cor rosa em chá revelação do sexo da criança designa a fêmea e o azul o macho.

E, em verdade, bastante passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total (BEAUVOIR, 1970, p. 8).

O mundo é fortemente influenciado por esse binarismo e pelo discurso heteronormativo. O binarismo e as normas impostas pela matriz heterossexual dentro do discurso heteronormativo se refirma toda vez que uma mulher aprende a performar o seu gênero através do discurso de que mulher “é isso e aquilo” e com os atos performativos de outras mulheres que elas tendem a repetir. A repetição através dos atos performativos desse binarismo só consolida ainda mais a existência desse sistema, assim como a existência de um discurso heteronormativo. “[...] Essa heteronormatividade expulsaria tudo o que diz respeito às sexualidades não heterossexuais e as performances de gênero não binárias para uma categoria de pessoas identificadas como aberrantes e perigosas[...].” (BRAGA, 2012, p. 18).

Esse binarismo que compõem as identidades de gênero tem em si diversas estruturas que o beneficiam, estruturas essas que se ligam ao poder; poder do qual o discurso é um elemento estratégico importante que forma, constrói e atravessa o sujeito. Portanto o sujeito é construído dentro de uma série de estruturas que o atravessam ao longo da vida. Assim também acontece com as identidades de gênero, é impossível a formação do sujeito não ser atravessada em algum momento de sua vida pelo poder e elementos do poder que constroem todo conceito do gênero. E dentro desse conceito de gênero temos a presença muito forte de uma cisão, de uma dicotomia e de um binarismo que também atravessa a formação do sujeito. O teórico Michel Foucault que estuda a estrutura do poder que liga aos acontecimentos³ e como esse poder se dá dentro das relações de poder e como atravessa o sujeito, afirma sobre “[...] Nossos discursos científicos e teóricos se ligam a muitos sistemas de poder, que são, eles próprios, ligados entre si. [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 259). Esses

³ O acontecimento para Michel Foucault resumidamente é a função de algo que foi dito em um dado momento e contexto histórico. O filósofo busca analisar e compreender, não somente o discurso em si, mas a função do discurso e as malhas, as redes discursivas atravessam o sujeito. “[...] O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições (FOUCAULT, 2006, p. 255-256).

discursos científicos e teóricos formam uma malha de discursos no interior das relações de poder que acabam por atuar dentro e fora do sujeito. A questão do gênero e o binarismo existente dentro dessa categoria só se torna cada vez mais forte e presente mediante as repetições desses discursos binários sobre o gênero e da repetição dos atos performativos que é a forma que o discurso tem de marcar o corpo do sujeito. “Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior a marca do gênero (BUTLER, 2018, p. 30).

Judith Butler bebe na fonte de Foucault quando busca investigar e analisar quais estruturas formam a construção das identidades de gênero e como dentro do conceito de gênero se estrutura um binarismo e como tudo o que foge desse contexto considerado a “norma” tende a ser excluído e considerado ilegítimo por esse discurso hegemônico. “[...] a tecnologia do sexo, basicamente, vai se ordenar, a partir desse momento, em torno da, instituição médica, da exigência da normalidade” (FOUCAULT, 2015, p. 127) De fato, a sexualidade, assim como as identidades de gênero são altamente influenciadas pelos discursos médico, que visa por muitas vezes, categorizar o que é normal e o que é anormal. Tudo que escapa a norma da heteronormatividade é visto como anormal e é excluído, nossa sociedade se baseia em uma visão binária de tudo, o louco e o são, as sexualidades legítimas e ilegítimas, o bem e o mal, o homem e a mulher. O que todas essas categorias têm em comum é que elas são construídas e formadas de acordo com a malha do discurso e os elementos que o compõem de acordo com cada contexto histórico. Além disso, também é comum nessas categorias uma certa cisão, isto é, há uma divisão entre elas, onde um conceito, uma categoria exclui a outra, ora, um louco não pode ser são, uma sexualidade considerada legítima não pode ser ilegítima, o bem não pode ser mal e a mulher não poder ser um homem, ou é um, ou é outro.

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de diferença biológica, linguística e/ou cultural. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe *em relação* a outro significado oposto (BUTLER, 2018, p. 31).

Essa cisão e essa binaridade dos termos colocados acima também acontece de tal forma que uma categoria é o oposto da outra, por exemplo, o louco é o oposto do são, assim como a mulher é o oposto do homem. Portanto, a categoria do homem se baseia em tudo aquilo que é o oposto da categoria de mulher. Por isso, a marca da binaridade está tão presente

nos gêneros, ou é um ou é outro, ou se é mulher ou se homem, porque nesse contexto, ser homem exclui tudo o que é indicativo de ser mulher e vice-versa.

E cada categoria dessas deve agir de acordo com um “manual” prescrito, sobre o que é cada coisa, o louco para ser considerado louco precisa antes de tudo ser analisado por um psiquiatra e esse psiquiatra precisa analisar se o seu comportamento realmente, de fato, está dentro da categoria da loucura, da mesma forma, acontece com as identidades de gênero, entre os homens e as mulheres. Essas categorias são construídas dentro de um discurso cheio de elementos que formam o poder que estabelece as normas.

Assim, não basta nascer biologicamente fêmea ou biologicamente macho, para ser homem ou ser mulher é necessário se reafirmar a todo tempo através dos atos performativos que seguem uma norma, uma norma, uma cisão de comportamentos que caracteriza o que é ser homem e o que é ser mulher. É necessário performar o seu gênero.

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como domínio imaginável do gênero (BUTLER, 2018, p. 30-31).

A estrutura binária dos gêneros se constrói primeiramente nas estruturas discursivas e se reafirma nos atos performativos, através das performances do sujeito de acordo com o discurso heteronormativo, discurso esse altamente influenciado por um binarismo de gênero.

De certo, o gênero é efeito de um discurso e da lei, e os atos performativos que geram as performances dos sujeitos são fabricados pelo próprio indivíduo, como também, pelo discurso. Ao observarmos os atos performativos e a discursão acerca dos gêneros homem e mulher podemos perceber a binaridade presente em nossa cultura e sociedade. “[...] A regularidade binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica. [...]” (BUTLER, 2018, p. 46-47)

Assim, existe em nosso sistema médico, jurídico e cultural uma regulamentação das sexualidades e dos gêneros em termo de um binarismo, todo o sistema binário que compõem a nossa cultura e os discursos, principalmente o heteronormativo regula a nossa sexualidade e a nossa identidade de gênero. Dessa forma o discurso heteronormativo a matriz heterossexual produz ou mesmo tempo que regula a nossa sexualidade, o nosso sexo

biológico e a nossa identidade de gênero. Todo sujeito é construído dentro dessas estruturas carregadas de poder, portanto, esse discurso é ao mesmo tempo produtor e regulador.

Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional. Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação casual entre sexo, gênero, e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete e exprime o desejo. Supõe-se que a unidade metafísica dos três seja verdadeiramente conhecida e expressa num desejo diferenciador pelo gênero oposto – isto é, numa forma de heterossexualidade oposicional (BUTLER, 2018, p. 52).

Portanto, o gênero é uma categoria construída pelo discurso e pela lei assim como o sexo biológico e a sexualidade, a visão do gênero se baseia em diversos elementos e dispositivos de poder, entre eles, o próprio discurso. Mesmo sendo uma categoria construída, ainda sim, também afeta diretamente a construção do sujeito, tendo em vista que o próprio sujeito é marcado pela categoria do sexo biológico ao nascer e automaticamente é marcado pelo gênero de acordo com seu sexo biológico. Esse sistema que produz e regula o sexo, o gênero e a sexualidade tem como pilar um forte binarismo que também atravessa o sujeito ao longo de sua vida, pois, todo esse sistema de discursos que se articulam ao redor do sexo, do gênero e da sexualidade é fundada em uma matriz heterossexual, produzindo um discurso heteronormativo com base no binarismo e na cisão homem e mulher.

De acordo com esse sistema, não basta nascer fêmea, deve aprender a ser uma mulher, assim como não basta nascer macho, deve-se aprender a ser homem. Ser homem ou ser mulher nesse contexto implica em seguir algumas normas, normas estabelecidas por um discurso médico, jurídico, psiquiátrico e heteronormativo, essas normas tendem a naturalizar o que não é natural, isto é, o comportamento estabelecido para cada gênero. “[...] O deslocamento estratégico dessa relação binária e da metafísica da substância em que ela se baseia pressupõe que produção das categorias de feminino e do masculino, mulher e homem, ocorra igualmente no interior da estrutura binária” (BUTLER, 2018, p. 53). Portanto, não há como falar de gênero fora dessa estrutura binária que está dentro dele e que ao mesmo tempo o constrói. Temos uma cultura baseada nessa binaridade de sexo e gênero que atravessa e constrói o sujeito, essa cultura binária e essa heteronormatividade que tem como base o binarismo é que caracteriza a noção de feminino e masculino, de homem e de mulher. Sendo assim, ao falar de gênero e dos gêneros homem e mulher é impossível não falar sobre a presença desse binarismo que causa uma cisão nos comportamentos e nos conceitos de homem e de mulher.

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo (BUTLER, 2018, p. 53).

O binarismo de gênero está presente tanto nas identidades, como é o caso das identidades de gênero homem e mulher, definindo as normas e as regras de cada uma dessas categorias, como também podemos perceber a presença desse binarismo no desejo do sujeito. Pois, espera-se que o sujeito “homem” sinta desejo e tenha práticas sexual com o sujeito mulher e espera-se que o sujeito mulher sinta desejo e tenha práticas sexuais com o sujeito homem.

Portanto, o binarismo impõe regras ao sujeito, regras sobre o seu corpo, sobre sua sexualidade, sobre sua identidade de gênero e sobre seus desejos. Nossa sociedade, cultura e os saberes relacionados ao gênero tem como base esse binarismo, é possível notar a presença forte desse sistema binário ao analisarmos as normas impostas à uma criança ao nascer. Quando uma criança nasce logo a marcamos sobre um sexo biológico de acordo com seu órgão genital (macho ou fêmea), esse é o primeiro sistema binário que o sujeito é impelido, após ser marcado por um sexo biológico, traça-se um caminho que esse indivíduo deve percorrer, todos esperam, que uma criança ao ser designada como fêmea se identifique com o gênero feminino e não apenas se identifique como também o represente através do que Judith Butler chama de atos performativos, essa é a segunda estrutura binária que é imposta ao sujeito, ao ser marcada primeiramente pelo sexo biológico fêmea e se identificar com o gênero mulher, espera-se, ou pelo menos é o que a norma da heterossexualidade nos diz, que essa mulher deve sentir atração e ter práticas sexuais com o gênero e o sexo oposto, isto é, com um macho e um homem, essa é a terceira estrutura binária imposta ao sujeito. Para Butler, o feminismo estando alicerçado no binarismo acaba aderindo a esse modelo, onde a identidade da mulher e do homem é definida de maneira normatizadora (PACHECO, 2016, p.386).

Nossa sociedade está fundada em uma pedra binária, estrutural e estruturante que determinou os papéis de gênero durante o desenvolvimento da sociedade com base no binarismo homem/macho/masculino e mulher/fêmea/feminina. Construiu instituições com a mesma base e determinou os limites biológicos, físicos, sociais, culturais e sexuais do ser humano. Limites esses determinados pela condição do nascimento e identificados através dos papéis de gêneros constituídos por uma ideia de ‘o que é ser homem’ e ‘o que é ser mulher’ (PRANDINI, PACHECO, 2022, p. 3).

Toda a noção do gênero, das identidades e das sexualidades se baseiam numa construção cultural, social e heteronormativa, que busca a todo momento infligir regras e normas sobre o sujeito. Categorias como feminilidade, masculinidade para designar o gênero homem e mulher, nada mais são do que categorias construídas.

Essas categorias por mais que sejam construídas, impõem uma norma sobre o sujeito e sobre a nossa sociedade e cultura, que também é uma cultura e uma sociedade baseada num binarismo e numa matriz heterossexual. Sendo assim, as categorias construídas de sexo, gênero e sexualidade também caracterizam uma noção de normalidade e anormalidade que está fundada em sua estrutura binária e heterossexual.

A questão de normalidade e de anormalidade se dá à medida que se estabelecem regras sobre os gêneros, sobre a sexualidade e sobre o sexo biológico. Essas regras são fundamentadas de acordo com o sistema binário que estrutura essas categorias. A lógica ordenadora do sexo na nossa sociedade não é apenas heterossexual, mas é evidentemente heteronormativa: é assim que os corpos e as relações afetivas e sexuais entre pessoas se tornam inteligíveis, que fazem sentido (BRAGA, 2012, p. 143).

Butler busca desconstruir a categoria de sexo biológico e de identidade de gênero baseada nesse binarismo macho/fêmea, homem/mulher/ heterossexual/homossexual. Para isso, ela faz uma análise genealógica dessas construções, evidenciando ao leitor, como categorias como o sexo biológico e o gênero são discursivamente construídas dentro de uma matriz heterossexual e como o sistema binário de sexo, gênero e desejo reafirma essa dicotomia, essa cisão entre fêmea e macho, homem e mulher.

Essa cisão, essa binaridade não somente serve de base para a construção social, cultural e discursiva do sexo e do gênero, como também reafirma os comportamentos e atos propostos para cada uma dessas categorias. De certo, a noção de feminilidade para o mundo feminino e a noção de masculinidade para o mundo masculino é também uma categoria construída, é um efeito da binaridade presente no sexo e no gênero.

Ora, se essas são categorias construídas, logo, são categorias normalizadoras, isto é, que impõe, que cria normas, é por esse motivo que a noção de feminilidade também é uma categoria construída, pois, se os gêneros homem e mulher são fabricados pelo discurso, logo, o que se pressupõe ser homem e ser mulher é também uma visão construída, assim como a visão de que uma mulher é necessariamente um ser feminino e de que o homem, é necessariamente um ser masculino.

Exercer sua masculinidade enquanto sujeito homem, só porque se considera homem e negar a todo custo a “feminilidade” é performar atos considerados do universo

masculino, é exercer o seu gênero e reafirma-lo dentro dos construtos de um sistema binário e de um sistema heteronormativo.

A noção de macho e fêmea, de homem e mulher, de feminino e masculino, de feminilidade e masculinidade, estão cristalizadas em nossa sociedade e cultura através dos discursos heteronormativos e também porque nossa cultura e nossa sociedade foi construída com base na matriz heterossexual e no patriarcado. Os atos performativos, que constituem a ideia de feminilidade para mulher e de masculinidade para homem reforçam e reafirmam essa cultura heteronormativa e o binarismo presente nesses termos.

[...] Deste modo, o gênero se estabelece e se firma na construção social e cultural que determina como deve ser o comportamento do homem e como deve ser o comportamento da mulher, ou seja, há uma normalização/normatização dos comportamentos [...] (PACHECO, 2016, p. 376).

Dessa forma, a binaridade se torna intrínseca ao conceito de sexo e de gênero, sendo construídas por essas noções e ao mesmo tempo, construindo-as. Sendo assim, a binaridade reafirma as visões heteronormativas sobre o gênero e sexo e auxilia a se manter presente no poder através dos discursos e atos performativos.

De fato, se retiramos a norma que procura estabilizar a binaridade nesses termos como sexo e gênero, eles perdem sua essência dentro da matriz heterossexual e do discurso heteronormativo, pois a binaridade, a cisão entre homem, mulher, macho e fêmea é a essência dessas categorias de gênero e sexo dentro da matriz heterossexual.

Para reforçar essa noção de que o gênero é fruto de atos performativos, Butler irá relembrar a famosa frase de Simone de Beauvoir: ‘Não se nasce mulher, mas se torna mulher.’. Nesta frase, segundo Butler, não há nada que prove que o sujeito “mulher” seja necessariamente fêmea, pois o “se tornar” mulher é induzido pela “força” cultural, e não por uma “força” advinda do sexo. Assim, o gênero é gerado por uma sequência de ato (PACHECO, 2016, p. 380-381).

Portanto, o gênero e a binaridade existente dentro dessa categoria, por se só não existe, só existe à medida que é performado por alguém, ou seja, a medida que alguém produz atos performativos. Esses atos são baseados e tem sua estrutura formada dentro do discurso heteronormativo, que é outro elemento que o gênero, nesse caso, principalmente a noção binária dos gêneros necessita para existir.

A noção que temos de gênero, sexo e identidade é construída dentro do discurso e da lei, a binaridade presente nessas categorias tem sua fundação no discurso heteronormativo, toda essa estrutura, esse sistema, faz com que exista a noção de um “gênero dominante” que Butler chama de gêneros inteligíveis, portanto, a binaridade existente entre esses termos

cataloga o que é ser homem e o que é ser mulher, a binaridade e o discurso heteronormativo divide esses dois termos como opostos e busca normaliza-los dentro de regras que caracterizem o homem e mulher.

Esses atos e essa binaridade se tornam visíveis principalmente quando Butler fala sobre performatividade, pois a performatividade é também a construção de um gênero e a reafirmação desse sistema binário e dos discursos heteronormativos acerca dos gêneros. Quando pensamos nos atos performativos que os sujeitos encenam fica extremamente clara a divisão entre homem e mulher e as características propostas a cada um, quando falamos de um sujeito nascido biologicamente fêmea, falamos sobre uma mulher que “naturalmente” irá exercer sua feminilidade através de seus atos e se falamos de um sujeito nascido biologicamente macho, falamos de um homem que irá também exercer sua masculinidade através dos seus atos performativos.

Butler em sua teoria chama nossa atenção para essas caracterizas binária que compõe a ideia performática de homem e de mulher e que não são naturais, não são preexistentes, elas são construídas e de fato também podem ser desconstruídas, pois ser mulher ou ser homem, não se baseia em exercer determinadas normas ou caracterizar performances, pois existe uma pluralidade de homens e de mulheres, uma mulher não deixaria de ser menos mulher por não ser feminina e por não exercer atos performativos que são considerados do universo feminino. Da mesma forma, um homem não deixaria de ser menos homem por cultivar sua feminilidade.

4 IDENTIDADE DE GÊNERO HOMEM-MULHER, BINARIDADE E OS PAPEIS SOCIAIS

Quando se estuda sobre a história automaticamente se estuda sobre o sujeito. A história da humanidade é repleta de situações que corroboram com uma cisão entre os gêneros e uma continuidade das identidades de gênero com os papéis sociais. Na escola quando se estuda sobre os contextos históricos é comentado como em cada contexto social, em cada cultura e em cada época existem papéis sociais para os homens e para as mulheres.

Em culturas nômades por volta do neolítico e do paleolítico, o trabalho era dividido por sexo e gênero. Os homens pescavam, caçavam, faziam moradias, enquanto as mulheres cuidavam das crianças, plantavam e colhiam. Essa divisão do trabalho não se dava de forma neutra, assim, como atualmente o papel social do homem e da mulher também não é neutro, mas carregado de conceitos introduzidos pelo discurso.

O contexto histórico contribui muito para o desempenho dos papéis sociais estabelecidos por esses dois gêneros, assim como também o próprio discurso e saberes formam visões binárias acerca dos papéis sociais praticados por ambos os gêneros.

Existe várias instituições por onde o sujeito passa que contribui para a cristalização e formação da sua visão de gênero, de acordo com essa visão também se estabelece normas de papéis sociais para os gêneros. Em primeiro lugar, está a instituição da família onde o sujeito começa a encarar a cisão que existe entre os gêneros homem e mulher e a dicotomia e binaridade dos papéis sociais de ambos.

[...] Os pais, os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que no exterior se apoia nos médicos e pedagogos, mais tarde nos psiquiatras, e que, no interior, vem duplicar e logo "psicologizar" ou "psiquiatrizar" as relações de aliança [...] (FOUCAULT, 2015, p. 120).

Foucault já falava em *História da sexualidade v I* (2015) sobre a importância da instituição família na manutenção dos dispositivos de sexualidade e de aliança, tendo em vista a importância da família na formação do sujeito, pois suas primeiras relações sociais se dão dentro do campo familiar, é onde o sujeito começa a aprender as noções de certo e errado, de normal e anormal. No entanto, é importante também ressaltar que a família é uma instituição que é altamente marcada pelos discursos e saberes externos, como o discurso e saber médico, psiquiátrico e biológico, sendo assim, no que se refere ao discurso sobre o gênero, a instituição família é altamente influenciada por uma matriz heterossexual e um discurso heteronormativo.

Ao analisar a história é possível lembrar como as relações homoafetivas eram vistas como “perversão” e “anormal”, por muito tempo a própria psiquiatria definiu o homossexual como uma anomalia, uma doença, essa visão é porque até mesmo o saber e o discurso psiquiátrico não escapa de ser influenciado pelo poder e pelo contexto de sua época, a própria psicologia ao categorizar o homossexual como anormal tinha suas bases fundadas em um discurso próprio da matriz heterossexual que ditava as normas e categorizava como “normal” somente os gêneros inteligíveis, isto é, aqueles que seguem o padrão linear de combinação entre sexo/gênero/desejo. O próprio saber teológico, psiquiátrico, médico e biológico ao contribuir para a normalização de relações afetivas heterossexuais, reafirma em certa medida a binaridade presente nas relações sociais, de gênero e sexual, reafirma a exclusão de todos os gêneros que não se enquadram como inteligíveis, ao reafirmar essas binaridade, acaba também reafirmando toda uma cultura, sociedade e relações sociais baseadas na binaridade de gênero homem-mulher e nas relações heteronormativas.

Todo esses contextos e saberes influenciam o sujeito, formando-os e também influencia a própria instituição família, fazendo com a maioria das famílias se encontrem estruturadas num sistema heteronormativo, isso contribui muito para que a educação ensinada a criança também seja estabelecida de acordo com normas e estruturas heterossexuais, fundadas nesse binarismo de gênero, classificando o “mundo feminino” e o “mundo masculino”

É muito comum crianças estabelecerem uma diferenciação entre “coisas de meninos” e “coisas de meninas”, a criança só consegue ter essa noção devido a educação dada pela própria família através das relações sociais. Os próprios pais costumam educar os filhos através de um ensinamento na base da castração, isto é, castrando da criança comportamentos e noções que não condizem com o seu sexo biológico e o seu gênero.

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser construído desde que o(a) bebê está na barriga da mãe, quando a família de acordo à expectativa começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo. Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino” e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar (DIAZ, 1998, p. 01).

É comum ver crianças do sexo feminino “copiar” comportamentos da mãe como usar salto alto, pintar as unhas, usar maquiagens, entre outros exemplos, isso acontece porque em primeiro lugar a criança do sexo feminino ver na mãe uma igual, isto é, uma mulher e busca ser “igual” aquela mulher que de alguma forma admira. Já a criança do sexo masculino tende a “copiar” os comportamentos do pai, porque da mesma forma, essa criança ver em seu pai um igual, isto é, um homem. Ao logo desses comportamentos, a instituição familiar procura educar aquela criança do sexo feminino a se tornar mulher e a criança do sexo masculino a se tornar homem. Mas, como pode aquele ser se tornar algo? Como pode se tornar homem ou mulher?

Nesse caso em específico, da criança, é em seu seio familiar que ela começa sua “educação de gênero” se é que pode ser chamada dessa forma, através dos atos copiados da mãe ou do pai. No entanto, é possível se perguntar, mas e se, a criança do sexo feminino ao invés de se identificar com a mãe, se identificar com o pai e copiar atos do pai, se reafirmará enquanto sujeito? Então, nesse caso, entra em ação a educação a base da castração e da interdição do pai ou da mãe. A mãe ou o pai fala a filha “você não pode fazer isso”; “isso é coisa de menino”, nesse momento o pai ou a mãe castra e interdita a criança, mas ao mesmo

tempo começa a lapidar aquele indivíduo para que ele se encaixe dentro das normas propostas pela matriz heterossexual e o discurso heteronormativo. A mesma situação acontece quando uma criança biologicamente nascida com o sexo macho começa a se interessar pelo “universo feminino” e a copiar atos da mãe. Se torna estranhamente absurdo olhar uma criança do sexo masculino pintando as unhas, usando salto alto e usando vestido.

Essas características se tornam estranhas porque o discurso heteronormativo que absorvemos ao longo de nossa educação e das nossas relações sociais impõe que pintar unha, usar salto alto e usar vestido são situações para mulheres e não para homens. Quando olhamos um homem de unhas pintadas automaticamente duvidamos de seu gênero e de sua sexualidade, isso porque pintar unha não é considerado algo do “universo masculino”, acredita-se então que quando isso acontece aquele homem está tentando de alguma forma ser mulher ou penetrar no “universo feminino”, então, acaba por ser caracterizado como gay.

[...] e dizer que o conceito de gênero envolve as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, nas e pelas quais homens e mulheres são educados de maneiras diferenciadas, levando-os a assumirem e exercerem diferentes papéis sociais e atividades laborais na sociedade [...] (LIMA, VOIG, FEIJÓ, CARMAGO, CARDOSO, 2017, p. 35).

Outra instituição social de grande influência na binaridade e nos papeis sociais dos gêneros, é a escola, a escola não busca uma educação pautada na desconstrução do gênero, sua educação também tem como base o binarismo presente nessas categorias de homem e mulher. “[...] A instituição escolar que herdamos de uma matriz iluminista funciona para dizer o que é certo, o que é bom, o que é normal. E ela diz” (BRAGA, 2012, p. 13).

Se a instituição escolar trabalha com a ideia de dizer o que é certo, bom e normal e não com a prática de fazer o aluno questionar e problematizar conceitos fundamentais, então, essa instituição também corrobora com a visão de uma binaridade sexual e de gênero, que automaticamente reafirma os papeis sociais diferentes para homens e para mulheres.

Dentre os muitos artefatos que corroboram a produção de corpos, gêneros e sexualidades conformados à matriz hegemônica, o currículo escolar marca a minha experiência como um dispositivo cujo objetivo é implementar tecnologias de controle sobre a sexualidade. O efeito disso é uma sexualidade educada, na qual mesmo os sujeitos desviantes agem a partir de uma padronização dada pela assimilação de comportamentos e condutas apropriadas domesticadas; um fazer pedagógico voltado para a produção de homens e mulheres que ratifiquem a normalidade dominante que se constitui de acordo com o ideal de masculino e de feminino, como uma cópia da qual não se conhece o original (BRAGA, 2012, p. 12-13).

Outra instituição de grande importância e influencia nessa procura de estabilidade entre o feminino e o masculino e seus papeis sociais, é a igreja, a igreja com seus próprios

dogmas, carregados por um discurso teológico e heteronormativo dita o papel da mulher e do homem. Isto quer dizer, que essa instituição tem sua visão sobre quais papéis sociais são das mulheres e quais papéis sociais são dos homens. A igreja ver muitas vezes o homem como o provedor, como aquele que tem de ir trabalhar para trazer o sustento da casa, pois dele depende a família, acima dele só Deus.

De acordo com a visão teológica da igreja o homem assume um papel ativo, forte, pois esse homem é másculo e exercer e masculinidade. Já a mulher é vista como aquela que cuida, principalmente devido a anatomicamente produzi em seu útero uma criança e por amamenta-la, então, acredita-se nesse contexto que a mulher tem mais habilidade para cuidar do que o homem, a mulher nesse ponto de vista é vista mais como um ser passível, como aquela que deve ser protegida.

Em diversos contos de fadas ou histórias para crianças é possível notar esse enredado, a mulher sendo salva pelo príncipe ou pelo homem, pois o homem é um ser ativo e faz parte de sua característica ser desbravador. Enquanto a mulher, cabe os papéis sociais mais ligados ao cuidado da casa e da família, como a costura, o bordado, a preparação dos alimentos, a limpeza da casa, o cuidado dos filhos. Acreditar que existam características fundamentais para homens e mulheres é impor sobre eles determinados papéis sociais.

Acreditar que os homens são mais frios, mais calculistas, mais ativos, mais desbravadores, os coloca em uma posição daquele que pode fazer, de desbravador, por isso, na história da humanidade temos mais homens presidentes, mais homens gerais, mais homens militares, porque também desde criança eles são ensinados a interpretar esse papel. Pode-se observar essa diferença de educação entre os gênero nos brinquedos associados a cada gênero, os brinquedos para meninos são sempre carrinhos, bola, espada e os brinquedos de meninas são bonecas, panelas, acessórios de casa. Essa simple ideia de brinquedos para cada gênero ensina as crianças os papéis sociais para homens e para mulheres.

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria "cristalização" é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais. Para Beauvoir, nunca se pode tornar-se mulher em definitivo, como se houvesse um *telos* a governar o processo de aculturação e construção. O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.[...]" (BUTLER, 2021, p. 69).

Portanto, a cristalização da construção binária do gênero acontece por meio de vários fatores sociais, os atos performativos por sua vez, tão amplamente repetidos faz com que esses comportamentos considerados masculinos ou femininos se cristalizem na sociedade, na cultura e no próprio sujeito, de tal forma que se torna difícil o sujeito se questionar sobre categorias como sexo e gênero, porque elas são colocadas para ele desde a sua infância como algo natural e que todo ser humano deve seguir, uma norma, que custa caro para o indivíduo desobedecer, pois, este se torna excluído de uma cultura e de um discurso hegemônico.

Essa cristalização dos atos performativos do gênero se baseia numa estrutura binária e heteronormativa que por sua vez estabelece também os papéis sociais de cada gênero de acordo de como o sujeito se identifica, se é homem ou se é mulher. Essa normatização dos papéis sociais e dos atos performativos não se constrói de uma hora para outra, é construído aos poucos, através de vários mecanismos de poder, entre eles o discurso e saberes cristalizados. Esses mecanismos, discursos e saberes atravessam o sujeito desde o seu nascimento transformando e construindo sua subjetividade dentro de uma sociedade que busca estabelecer normas para esse sujeito, principalmente as normas sobre o gênero, baseada no discurso heteronormativo. Como tudo isso atravessa e é ensinado ao sujeito desde de seu nascimento ele tende a encarar esse sistema binário de papéis sociais e de atos performativos como naturais, reafirmando ainda mais esse sistema na nossa sociedade e cultura. O binarismo de gênero e sexo e o discurso heteronormativo presente dentro de uma matriz heterossexual é a fonte da explicação da dicotomia dos papéis sociais, baseando o gênero no sexo biológico, esse discurso heteronormativo presente estabelecer como naturais e preexistente toda essa dicotomia e diferença de papéis sociais entre homens e mulheres.

O próprio conceito de performatividade abordado por Judith Butler explica essa dicotomia entre homem e mulher, Butler sugere que o gênero é uma categoria construída dentro da lei e do discurso e, portanto, não há como decorrer do sexo, que para ela também é uma categoria construída dentro da lei e do discurso. Com a teoria da performatividade, Butler afirma que o gênero é uma sequência de atos praticados pelo sujeito, esses atos considerados atos performativos que são encenados pela pessoa tem sua base nesse sistema binário de gênero. Pois, se o gênero é uma sequência de atos performativos, logo, o gênero se baseia em uma diferenciação de atos performativos considerados masculino e femininos. Portanto, se afirmar enquanto mulher é preciso que necessariamente esse sujeito pratique, encene atos considerados do “universo feminino” para que o outro e a própria sociedade e cultura a caracterize como mulher, a mesma coisa acontece quando falamos de alguém que se considera um homem.

Como parte da herança epistemológica dos discursos políticos contemporâneos da identidade, essa oposição binária é um movimento estratégico num dado conjunto de práticas significantes, que estabelece o "eu" na e através da oposição e que reifica essa oposição como uma necessidade, ocultando o aparato discursivo pelo qual o próprio binário é constituído (BUTLER, 2021, p. 248-279).

Portanto, essa oposição binária existente dentro da matriz heterossexual que caracteriza as identidades de gênero e o sexo biológico é o que influencia essa diferenciação entre o que é ser mulher e o que é ser homem, de fato, os papéis sociais existentes estão fundamentados e produzidos dentro dessa matriz heterossexual, do discurso heteronormativo e da binaridade de categorias como o sexo e o gênero.

Ao diferenciar categorias de gênero, como os gêneros homem e mulher e estabelecer o que é próprio de cada um com base no sexo biológico, produz-se as relações binárias e as práticas sociais de acordo com cada um desses gêneros, isto é, práticas sociais ou papéis sociais separados de acordo com a categoria homem e mulher, esses papéis sociais, essas práticas sociais e esses atos performativos são incentivados aos sujeitos desde seu contato com outros indivíduos e com a linguagem. Pois, através da linguagem o ser humano tem acesso ao discurso e através da relação social com o outro o indivíduo tem acesso tanto a linguagem, como as relações sociais que estão sujeitas a relações de poder.

Quando um ser humano nasce é fácil identificá-lo como macho ou fêmea, quando o médico olha seu órgão genital já o classifica enquanto um ou outro, mas, após esse indivíduo crescer só se torna possível identificar seu gênero por duas maneiras, a primeira é através do órgão sexual e a segunda através dos atos performativos, isto é, não perguntamos diretamente a alguém se a pessoa é homem ou mulher, mas identificamo-lo como homem ou mulher de acordo como este ser se comporta, se vemos alguém com traços finos, cabelos grandes, unhas grandes e pintadas, usando vestidos, entre várias outras situações, o consideramos como mulher e tratamo-lo de tal forma, utilizando inclusive, a linguagem no feminino. Pois, a própria gramática se baseia em uma linguagem binária, diferenciando o feminino do masculino. “Wittig argumenta que a discriminação linguística do “sexo” assegura a operação cultural e política da heterossexualidade compulsória. [...]” (BUTLER, 2021, p. 196-197)

[...] Eu afirmei (o “eu” manifesta a gramática que rege o estilo da conclusão filosófica, mas note-se que é a própria gramática que posiciona e faculta esse “eu”, mesmo quando o “eu” que insiste aqui repete, reposiciona e — como determinarão os críticos — contesta a gramática filosófica através da qual é facultado e restringido) que na distinção sexo/gênero, o sexo figura como “o real” e o “factual”, a base material ou corporal em que o gênero pratica um ato de inscrição cultural. [...] (BUTLER, 2021, p. 251).

Sendo assim, o papel social dos gêneros homem e mulher está fundamentado na ideia do que é ser homem e do que é ser mulher. Ao pensar e tentar definir o que é ser homem ou o que é ser mulher procura-se estabelecer o que seria do campo feminino e o que seria do campo masculino. O papel social de ambos é separado de acordo com a visão que a sociedade, a cultura e matriz heterossexual tem de cada um. Não que de fato ser homem ou ser mulher se baseie em performar as características masculinas e as características feminina, para Butler a categoria de homem e mulher como conhecida dentro das normas heterossexuais são apenas categorias construídas dentro de um discurso heteronormativo, portanto, para ela, ser homem ou ser mulher está muito além de performar tal gênero de acordo com a visão imposta pela matriz heterossexual. Butler acredita que ser mulher não tem nada a ver com a categoria de feminilidade, pois você pode se considerar mulher sem ser feminina, assim como ser homem está além de performar atos que estejam ligados a caracterização que se faz de homem, isto quer dizer que quando um ser humano se identifica como homem, não é necessário que ele exerça a categoria da masculinidade para se configurar enquanto homem.

No entanto, é impossível negar o peso dessas ações normalizadoras sobre a concepção dos gêneros homem e mulher, os atos performativos baseados nessa binaridade de gênero e nessa cisão entre comportamentos masculinos e comportamentos femininos só reafirmam cada vez mais a visão da matriz heterossexual dos gêneros, separando, classificando e normatizando comportamentos e papéis sociais masculinos e femininos.

Essas ações normalizadoras de comportamentos e papéis sociais atribuídos ao homem e a mulher, não gera somente atos performativos no que tange a atos praticados pelo corpo, como manter o cabelo grande ou pequeno, pintar as unhas ou não. Esse processo de normalização, de produção e de certa forma de controle das categorias homem e mulher se multiplicam por diversos setores sociais e psíquicos da formação do sujeito. Por exemplo, a educação da formação do sujeito homem, isto é, de acordo com seu sexo biológico é muito diferente da educação atribuída a mulher de acordo com seu sexo biológico. Categorizamos, identificamos o homem e a mulher de acordo com seu sexo biológico, e, então associamos diversas características e comportamentos a cada um deles, formando assim o sujeito homem e mulher de acordo com os discursos e saberes que o atravessam nas relações sociais e de poder.

A desigualdade de gênero, como outras formas de diferenciação social, trata-se de um fenômeno estrutural com raízes complexas e instituído social e culturalmente de tal forma, que se processa cotidianamente de maneira quase imperceptível e com isso é disseminada deliberadamente, ou não, por certas instituições sociais como escola, família, sistema de saúde, igreja, etc (DIAZ, 1998, p. 03).

De fato, quando homens e mulheres recebem educações diferentes de como se comportar diante da sociedade, acaba por gerar uma desigualdade entre eles. Essa educação com bases diferentes para homens e mulheres não produz somente os atos performativos, produz o próprio sujeito homem e o próprio sujeito mulher dentro de uma matriz heterossexual e de uma cultura patriarcal.

Essa educação de comportamentos e de atos performativos para homens e mulheres se faz presente principalmente na infância, depois de um tempo, o sujeito cristaliza em si esses comportamentos e esses atos de tal forma que o repente e o encena sem perceber e dessa forma ensina a outros através de seus gestos. Essa educação comportamental dos gêneros homem e mulher está presente em mecanismo que não percebermos ou naturalizamos por não os questionar.

Os presentes associados as crianças do sexo biológico fêmea geralmente gira em torno do papel social que esperamos delas quando se tornarem mulheres. Desde cedo ensina-se as meninas a serem mães, primeiro mães de bonecas e depois de filhos reais, ensina-se as crianças do gênero mulher a cuidar da sua casa de brinquedo e a elas são dados brinquedos que imitam objetos de cozinha para que desde cedo se familiarizem a ser donas de casa, pois isso, é papel da mulher. Para as crianças do sexo biológico macho se dá brinquedos como carros, espadas, bola, desassociando o papel do homem como um agente da casa, não se ver meninos brincando de bonecas por mais que futuramente esses meninos se tornem pais. Para os meninos, o mundo, a conquista do carro, o trabalho fora da casa, o sustento da família, pois o homem é visto como o provedor e para as meninas, as bonecas, os utensílios de casa, da cozinha, as vassouras, as panelas, associando as meninas o papel de dona de casa, de cuidadora dos filhos, de cuidadora dos maridos.

[...] Logo, a mulher ficou reduzida ao papel de esposa e de mãe, cabendo ao marido os proventos e as decisões da casa. A mulher por muito tempo passa a realizar apenas as atividades domésticas, o que se pode chamar de cultura feminina, ou seja, aquela cultura atribuída à mulher e passada de geração a geração na qual ela aprende o seu lugar na sociedade, enquanto o homem, o chefe da família, era instruído nas ciências e profissões que exerceriam [...] (PACHECO, 2016, p. 328).

Dessa forma, a educação ensinada aos homens e às mulheres os prepara e os induz aos comportamentos e aos papéis sociais que estes devem assumir ao se tornarem homens e mulheres. Outro ponto de educação diferentes entre homens e mulheres é a sexualidade, as mulheres são ensinadas a serem castas e os homens a serem ativos sexualmente, os pais sentem orgulho dos filhos homens quando expressam sua sexualidade, em contra partida, a filha mulher é protegida a todo custo pelos pais para não se tornar ativa sexualmente cedo

demais, enquanto os homens são incentivados ao comportamento contrário “[...] enquanto que as mulheres são desde cedo educadas para comportar-se negando os próprios instintos sexuais, os homens recebem educação contrária associando a atividade sexual intensa ao poder exercido e a identificação masculina. [...]” (PACHECO, 2016, p. 327).

Todos esses comportamentos e atos performativos ensinados de formas diferentes para homens e mulheres só consolidam de forma mais forte o discurso heteronormativo dentro da matriz heterossexual e a desigualdade entre ambos os gêneros. Com todo esse contexto de comportamentos definidos dentro de uma estrutura binária e do discurso heteronormativo, o gênero homem e mulher são caracterizados e definidos de acordo com esses comportamentos. É por motivo que Butler afirma que o gênero é uma sequência de atos performativos, pois é comum caracterizar primeiro o homem e a mulher de acordo com o sexo biológico e depois pela forma como estes se comportam, ou seja, pelos atos performativos que encenam.

Logo, o gênero é uma categoria construída através dos discursos e consolidada através dos atos performativos. E se o gênero é uma categoria construída dentro de um discurso heteronormativo, que impõe normas aos gêneros de comportamentos e de atos, logo, os atos performativos e os próprios papéis sociais também são formados e construídos de acordo com essa matriz heterossexual, com esse discurso heteronormativo que está baseado na binaridade, na diferenciação entre homem e mulher.

O discurso heteronormativo constrói as normas de como ser mulher e de como ser homem, os caracterizando como opostos, tanto sexualmente como em questão de comportamentos e de papéis sociais. No entanto, ser homem ou ser mulher não significa seguir essas normas impostas dentro da matriz heterossexual e do discurso heteronormativo, não significa seguir tais padrões de comportamentos e encenar de acordo com cada gênero. Pois, ao desconstruir a ideia do sexo e do gênero como algo fixo e natural, abre-se possibilidades de novas formas e concepções de mulheres e de homens que não sejam baseadas nessa estrutura binária e na matriz heterossexual, abre-se possibilidades de concepções de homem que não necessariamente estejam ligados somente a masculinidade e de mulheres que não sejam somente femininas, abre-se possibilidades de mulheres e homens construir novos papéis sociais e novos atos performativos, abre-se possibilidade através da desconstrução do gênero de novas possibilidades de gênero que não se baseie no binarismo homem e mulher e nem na normalização sexo/gênero/desejo.

4.1 O CONCEITO DE SUBVERSÃO EM JUDITH BUTLER.

De fato, é impossível não vivenciar em certa medida a experiência dos gêneros e a força coerciva que essas categorias pregam sobre o sujeito. Se torna quase impossível se manter como sujeito dentro de uma sociedade binária sem a identidade de gênero, sem se considerar homem e mulher. Porém, de acordo com a matriz heterossexual e o discurso heteronormativo, não basta ser mulher ou homem, tem que haver uma correlação entre sexo/gênero/desejo. Portanto, as normas impostas pela matriz heterossexual é de que a mulher deve ter nascido fêmea e deve sentir desejo pelo sexo e gênero oposto, da mesma forma o homem, não pode haver uma ruptura na sequência sexo/gênero/desejo.

Quando Butler expõe suas teorias a respeito do gênero ela busca ao longo de seus escritos, principalmente no livro *Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade* empreender “[...] uma genealogia crítica das categorias de gênero em campos discursivos muito distintos. [...]” (BUTLER, 2021, p. 10). Assim, ela pretende desconstruir a categoria do sexo biológico e também a categoria de gênero, fazendo uma crítica a como essas identidades são construídas discursivamente.

Pode parecer que ela de certa forma, tenta desconectar totalmente a ideia do gênero mulher associado a categoria da feminilidade e do gênero homem está ligado a uma masculinidade, de fato, ela questiona o conceito de feminilidade como algo próprio das mulheres e o conceito de masculinidade como algo próprio dos homens. Ao questionar sobre a associação das mulheres com a feminilidade e dos homens com a masculinidade, ela não pretende impor que as mulheres não sejam femininas ou que os homens não sejam masculinos.

Ela pretende com sua teoria desmistificar o conceito de que todo homem é masculino e de que toda mulher é feminina, ela busca desconectar do conceito de homem a masculinidade e do conceito de mulher a feminilidade, mas, não afirma que uma mulher não possa ser feminina ou que um homem não possa ser masculino, o que ela busca de fato, é desconstruir a norma heterossexual e binária que paira sobre os gêneros homem e mulher, instituindo normas sobre o comportamento de ambos.

Ao caracterizar o gênero e o sexo como não natural ela abre possibilidades para outras versões de identidades de gênero que não se baseia na estrutura sexo/gênero/desejo. Ela permite ao sujeito se locomover entre essas estruturas com um pouco mais de liberdade, pois de acordo com a sua teoria o gênero não decorre do sexo, sendo assim, alguém que nasceu biologicamente macho não necessariamente precisará se tonar, sentir ou acreditar ser homem, assim como pode através dos atos performativos “escolher” não performar o que se caracteriza como homem.

Agora o indivíduo pode se desconectar da ideia de que o seu sexo implica no seu gênero e que os gêneros inteligíveis são as únicas formas possível de configuração das identidades de gênero, tornando assim, o sujeito mais livre e criando novas possibilidades de identidade de gênero.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2021, p. 244).

A teoria de Judith Butler sobre o gênero e o sexo é de fundamental importância para o sujeito e para os estudos feministas, tendo em vista que a luta das mulheres sobre o patriarcado também envolve a noção de gênero e de papéis sociais. Ao afirmar que o gênero e o sexo são uma construção, Butler rompe com toda a lógica da qual a sociedade patriarcal, masculinista e heterossexual estão fundadas.

As mulheres e os homens podem com o embasamento na teoria de Butler argumentar que são livres para performar de acordo com como se sentirem bem e não mais de acordo com as normas impostas pela heterossexualidade normativa. Para a filósofa o gênero é uma sequência de atos performativos, que ao longo de diversas repetições se cristalizam e são vistos como “naturais”, porém com a teoria da performatividade Butler desconstrói a ideia de que gênero é algo natural e preexistente ao sujeito, pois, o sujeito performa o seu gênero, sendo assim, o gênero é construído através e dentro da lei e do discurso e é naturalizado através dos atos performativos que reafirmam a visão binária dos gêneros.

Ao questionar essa visão, Butler abre espaço para o que ela chama de subversão. A subversão para Butler é uma espécie de resistência que se dá dentro do próprio discurso. Pois, mesmo que o gênero tenha uma estrutura baseada na visão binária do sexo e do gênero e no discurso heteronormativo, ainda há possibilidades de voitar dentro dessas categorias, pois, todo discurso abre espaço para uma resistência. “[...] que lá onde há poder há resistência, e, no entanto, (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder [...]” (FOUCAULT, 2015, p. 104).

O que Foucault quer dizer é que as relações de resistência se dão no interior do próprio discurso, que todo discurso, mesmo que produtor e hegemônico, abre possibilidades para focos de resistência que só é possível dentro dos próprios mecanismo de poder e de discurso. “É nesse campo das correlações de forças que se deve tentar analisar os mecanismos de poder [...]” (FOUCAULT, 2015, p. 105) Quando Foucault fala sobre o campo das

correlações de forças, ele fala sobre o discurso e as resistências que se criam dentro do próprio discurso, surgindo assim, uma correlações de forças dentro dos discursos.

As resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada. Elas são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nessas relações como o interlocutor irredutível. Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. Grandes rupturas radicais, divisões binárias e maciças? Às vezes. É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irredutíveis (FOUCAULT, 2015, p. 104).

Dessa forma, há sempre um jogo de poder dentro dos discursos, pode-se então, questionar o discurso hegemônico dentro das estruturas e elementos que o fizeram tornar hegemônico e dominante. Isso porque o poder não é fixo e estável, muito menos o discurso que é um aparelho importante dentro das estruturas de poder, portanto, todo conceito construído dentro do poder e das malhas do discurso tem possibilidade de ser questionado, transformado e modificado.

Quando Butler pretende fazer uma investigação genealógico acerca do sexo e do gênero, ela pretende desconstruir essas categorias para que dessa forma, ao expor a natureza do gênero e do sexo como fabricadas de acordo com a lei, o poder e os discursos, os indivíduos possam reformula-se dentro de novas possibilidades de construção das identidades de gênero.

As resistências, ou como Butler fala, as subversões de um regime binário e normativo do gênero e do sexo se dá dentro do próprio discurso que busca reafirmar a heteronormatividade e a dicotomia dos gêneros. Enquanto Butler fala sobre subversão, Foucault fala sobre as resistências que se tornam possíveis dentro das malhas dos discursos. Em *História da sexualidade: a vontade de saber* (2015) Foucault escreve sobre o discurso acerca da homossexualidade, de acordo com ele, o discurso que categoriza e conceitualiza o homossexual dentro da categoria de doente é que tornou possível a resistência dos homossexuais dentro do próprio discurso que o excluía. Quando se fala sobre o homossexual também abre portas para que este possa falar. Pois é dentro do próprio discurso e dos mecanismos de poder que o compõe que se torna possível os focos de resistência “[...] As relações poder-saber não são formas dadas de repartição, são “matrizes de transformação”. [...]” (FOUCAULT, 2015, p. 108).

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e "hermafroditismo psíquico" permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de "perversidade"; mas também possibilitou a constituição de um discurso "de reação": a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua "naturalidade", e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (FOUCAULT, 2015, p. 111).

Para Foucault as resistências se dão dentro dos próprios mecanismos de poder e dentro do próprio discurso, por isso não existe somente um tipo de discurso ou um discurso dominante e outro dominado, o que existe é uma multiplicidade de discursos. Porém, cada discurso tem uma estratégia e é isso que o Foucault analisa.

Butler ao estudar as teorias de Wittig comenta que a homossexualidade também pode ser vista como resistência, isto é, subversão dentro de um sistema heteronormativo. “[...] tanto a homossexualidade masculina como a feminina, assim como outras posições independentes do contrato heterossexual, facultam tanto a subversão como a proliferação da categoria do sexo. [...]” (BUTLER, 2021, p. 59)

As relações entre poder e saber se dão por meio dos discursos, é por esse motivo que o discurso é um elemento tão importante dentro dos mecanismos de poder, pois, é no discurso que contém as relações de saber e poder, esses saberes se cristalizam por meio do discurso e do poder, como o discurso médico, psiquiátrico e heteronormativo. “[...] É justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber. [...]” (FOUCAULT, 2015, p. 109).

As relações entre poder, saber e discurso são importantes tanto para Foucault, quanto para Butler, pois para eles as resistências e as subversões se dão dentro do campo do discurso, do poder e dos saberes. “É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 2015, p. 110).

Quando Butler analisa sobre o gênero e o sexo e afirma que essas categorias podem ser desconstruídas, abre-se espaço através das desconstruções de gênero e sexo, para novas possibilidades de transformação e reconstrução dessas categorias. A categorias de gênero e sexo está fundada sobre uma ótica heterossexual e binária, reforçando e reproduzindo dessa forma o conceito de uma naturalidade entre sexo/gênero/desejo, ao naturalizar através dos discursos e dos atos performativos a linearidade e dependência entre essas três categorias reafirma-se e produz os gêneros inteligíveis.

Butler em sua análise genealógica busca analisar as categorias de sexo biológico, identidade e gênero como efeitos, isto é, efeitos dos discursos e da lei. Sendo assim, se essas categorias se configuram como efeitos, não podem ser categorizadas como naturais e preexistente ao sujeito. “[...] A ideia de que o sujeito não é uma entidade preexistente, essencial, e que nossas identidades são construídas significa que as identidades podem ser reconstruídas sob formas que desafiem e subvertam as estruturas de poder existentes. [...]” (SALIH, 2018, p. 23). Butler desvincula o conceito de que o gênero decorre do sexo. Para ela o sexo é uma categoria construída e fabricada tanto quanto o gênero, portanto, se ambos são fabricados e construídos, não se pode afirmar que o gênero tem ligação com o sexo e que, portanto, só pode ser mulher quem nasceu fêmea e que só pode ser homem quem nasceu macho.

[...] Paradoxalmente, a reconceitualização da identidade como *efeito*, isto é, como *produzida* ou *gerada*, abre possibilidades de “ação” que são insidiosamente excluídas pelas posturas que tomam as categorias da identidade como fundantes e fixas. Pois o fato de uma identidade ser um efeito significa que ela não é nem inevitavelmente de- terminada nem totalmente artificial e arbitrária (BUTLER, 2021, p. 253).

A correlação entre sexo e gênero e a binaridade entre macho/fêmea, homem/mulher se desconstrói ao desconstruir as categorias de gênero e sexo. “Butler propõe se pensar o gênero como uma construção histórica, que é produzida por discursos, ou seja, desnaturalizando gênero e sexo, desconstruindo o natural. [...]” (PACHECO, 2016, p. 377). Consequentemente, a teoria de Butler sobre o gênero se baseia em propor o gênero como uma categoria que não depende do sexo, para isso, ela buscar apresentar a ideia de que gênero e sexo são uma construção histórica, formados de acordo com os discursos existentes em determinado contexto histórico.

A identidade de gênero deve ser analisada e pensada por esta desconstrução, onde é preciso ir além da dicotomia masculino/feminino. Com isso, a desconstrução em Butler está voltada para a crítica desta concepção tradicional de gênero, que quando ‘destruída’, torna-se possível pensar na pluralidade do gênero, a qual decorre da existência das singularidades dos sujeitos. Desta maneira, há uma abertura aos múltiplos significados e representações culturais, onde o sujeito – sua identidade – é marcado pela pluralidade e diversidade, tendo sua construção na linguagem simbólica, no discurso e não em uma natureza dada (PACHECO, 2016, p. 377).

Ao desconstruir o sexo e o gênero, Butler também desconstrói o binarismo existente nessas duas categorias. Possibilitando novas construções de gênero que não estejam classificadas somente dentro das normas dos gêneros inteligíveis. Ela abre espaços para novas configurações de homens e mulheres. De acordo com sua análise, o sujeito homem não está

mais relacionado somente com aquele indivíduo que nasceu macho, assim como a mulher não se prende mais aquele ser que nasceu fêmea, pois, o sexo não determina o gênero.

Butler também desconstrói a visão binária de que o homem é aquele ser que exerce sua masculinidade, enquanto a mulher é aquele ser que exerce sua feminilidade. Com a desconstrução do gênero e do sexo há também uma desconstrução dos atos performativos como normas para cada um desses gênero, a masculinidade não está mais ligada somente ao sujeito homem e a feminidade não está mais atrelada ao sujeito mulher.

Com isso, ela vai afirmar que o gênero sendo considerado algo independente do sexo, a própria noção de gênero se torna algo instável. Essa instabilidade leva consequentemente a pensar que a feminilidade não seja exclusividade de um corpo feminino, assim como a masculinidade exclusiva de um corpo masculino. [...]” (PACHECO, 2016, p. 378).

Ao desconstruir o gênero e o sexo Butler desconstrói também o determinismo entre sexo/gênero/desejo, gerando possibilidades de uma identidade de gênero que não esteja atrelada ao seu sexo de nascimento e nem ao desejo pelo gênero e sexo oposto, ou seja, abre possibilidades para gêneros que não sejam inteligíveis, possibilita-se assim uma pluralidade de novas identidades de gênero, que sempre existiram, mas que ganham mais espaço dentro dos discurso após a teoria de desconstrução e desnaturalização das categorias de sexo e gênero.

De fato, a teoria de Butler é de extrema importância, principalmente para os sujeitos que não se identificam como gêneros inteligíveis, isto é, aqueles gêneros que seguem o padrão sexo/gênero/desejo. Butler naturaliza o que era visto como anormal pelo discurso heteronormativo e pela matriz heterossexual, pois, ao questionar e teorizar o sexo e o gênero como construções discursivas ela rompe com as normas dos gêneros inteligíveis.

Para Butler as subversões dos gêneros se dão dentro das relações de poder, não há como transcender por completo o poder, mas há como subverter as relações heteronormativas de gênero e há como voitar dentro dessa categoria. O poder não pode ser excluído por completo, não há como o sujeito transcender o poder ou ter relações sociais fora das relações de poder, pois o poder e discurso forma o sujeito e o gênero, mas, há como deslocá-lo, pois ele não é fixo e nem imóvel, há como criar resistências dentro do poder, isto é, subverter as categorias do gênero.

Contudo, se não reduzirmos o poder à vontade, e se recusarmos o modelo liberal e existencialista clássico da liberdade, poderemos entender as relações de poder, como penso que devem ser entendidas, como relações restritivas e constituintes das próprias possibilidades de volição. Consequentemente, o poder não pode ser retirado nem recusado, mas somente deslocado. De fato, na minha opinião, o foco normativo sobre as práticas lésbicas e gays deve recair sobre o deslocamento parodístico e

subversivo do poder, ao invés da fantasia impossível de sua completa transcendência (BUTLER, 2021, p. 215).

A visão do gênero como algo natural, preexistente e que recorre do sexo biológico limita o sujeito na binaridade homem-mulher, macho/fêmea, assim como impõe como “normalidade” a norma imposta pelo discurso heteronormativo dos gêneros inteligíveis. Ao desconstruir o gênero e o sexo, desloca-se o eixo do poder dentro do discurso e das relações de poder, criando resistências e subversões acerca do discurso de gênero baseado na lógica heteronormativa. Ao propor o gênero como uma categoria fabricada e construída discursivamente rompe-se com o esquema binário que compõe os gêneros, possibilitando ao indivíduo novas formas de identidade de gênero que não esteja relacionada a cisão que existe entre comportamentos masculinos e comportamentos femininos.

A desconstrução de que o gênero decorre do sexo biológico possibilita novos conceitos de homens, mulheres, e de gêneros que não dependem do sexo biológico. Desconstruir o gênero abre espaço para os gêneros não inteligíveis criarem seus próprios discursos e resista diante do discurso que impõe a norma heterossexual.

A teoria de desconstrução do sexo e do gênero traz a luz, retira da margem e põe no lugar de fala os gêneros ilegítimos. Ao normalizar os “gêneros ilegítimos” cria-se dentro do discurso que busca reafirmar sua condição, espaço para subversão e para resistência dos gêneros ilegítimos, gêneros que foram excluídos e caracterizados como anormais dentro da matriz heterossexual.

A perda das normas do gênero teria o efeito de fazer proliferar as configurações de gênero, desestabilizar as identidades substantivas e despojar as narrativas naturalizantes da heterossexualidade compulsória de seus protagonistas centrais: os “homens” e “mulheres”. A repetição parodística do gênero denuncia também a ilusão da identidade de gênero como uma profundidade intratável e uma substância interna. Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantasístico (BUTLER, 2021, p. 252).

Logo, para que haja espaço para outros gêneros que não os gêneros inteligíveis são importantes a desconstrução do sexo e do gênero, de tal forma, que esteja claro a sua construção enquanto categoria fabricada no discurso, enquanto, uma construção histórica. Assim, como se torna importante os focos de resistência e subversão dentro dos discursos heteronormativos, para que possa haver uma pluralidade de possibilidades de identidade de gênero.

Não que o sujeito consiga se tornar totalmente livre no que se refere ao gênero, mas que as normas de gênero impostas pela matriz heterossexual sejam questionadas e

teorizadas como uma construção histórica e discursiva, abrindo portas e possibilidades para novas versões de gênero.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Estudar e pesquisar sobre o tema gênero é um desafio constante de desconstrução da visão heteronormativa baseada na matriz heterossexual que fundamenta o conceito de gênero em nossa sociedade e cultura. A dicotomia, a binaridade homem e mulher estabelecida pela matriz heterossexual e pelas normas impostas diante do discurso heteronormativo também se desconstrói quando se analisa o gênero e o entende como uma construção social e cultural formada pelos discursos.

De fato, os discursos hegemônicos, como o discurso heteronormativo tem grande influência sobre a visão binária dos gêneros homem e mulher, essa binaridade dá origem a uma cisão que estabelece mundos e comportamentos diferentes para cada gênero, impondo sobre cada um, sobre o homem e a mulher comportamentos, atos e papéis sociais preestabelecidos de acordo com o sexo e gênero.

Ao compreender o gênero como efeito do discurso se torna possível entender o próprio discurso como um mecanismo atrelado ao poder e que influencia e causa o gênero, por esse motivo a Butler entende em sua teoria o gênero como efeito e não como causa. Não há como uma categoria construída ser causa, apenas efeito de algo, por isso, nesse sentido, o gênero é um efeito do discurso e da lei, mais especificamente de um discurso heteronormativo que impõe uma linearidade, estabelece e espera do sujeito uma linearidade e uma dependência entre sexo/gênero/desejo.

O discurso é um grande elemento do poder, logo, o discurso é uma estrutura importante na geração de conceitos que transitam na cultura e na sociedade. Para compreender de fato o gênero como uma construção histórica, cultural, social com base no discurso heteronormativo, precisa analisar o que é o próprio discurso heteronormativo.

O discurso heteronormativo se baseia e se fundamenta na matriz heterossexual da qual nossa sociedade está centrada. Impondo regras e normalizando comportamentos, ações, atos que seriam próprios de cada gênero. Isto é, estabelecendo uma binaridade entre os gêneros homens e mulher. Essa dicotomia, essa cisão entre os gêneros estabelece atos performativos para o homem e para mulher. Portanto, o gênero é uma construção social e cultural construída e estabelecida dentro das malhas discursivas que se engendram e atravessam o sujeito e sua subjetividade dentro da sociedade e da cultura. O gênero é como um aglomerado de atos performativos, isto quer dizer, que o gênero é uma sequência de atos

performativos praticados pelo sujeito, ou seja, as pessoas performam o que é ser homem e o que é ser mulher de acordo com as normas estabelecidas pelo discurso heteronormativo e pela matriz heterossexual.

O discurso heteronormativo transita e se torna efetivo através de várias instituições, como a família, a escola, a igreja, entre outros. Essas instituições formam o próprio sujeito, pois os discursos presentes nesses lugares contribuem para a formação e educação do sujeito. Essas instituições são formadas com base numa matriz heterossexual, por esse motivo é importante que alguns discursos presentes nessas instituições sejam analisados e tenham focos de resistência. Isto quer dizer, que essas instituições precisam ser atravessadas e ter como bases outros discursos que não só o heteronormativo. Para assim, buscar desconstruir a visão binária presente nessas instituições.

A pergunta problema dessa pesquisa é se o conceito de gênero é socialmente e culturalmente construído dentro da sociedade ocidental. A resposta para essa questão é sim, pois toda cultura e toda sociedade é formada por diferentes discursos de acordo com um contexto histórico, esses discursos articulados com o poder formam instituições e saberes que atravessa a subjetividade do sujeito, moldando-o de acordo com os discursos e com o contexto histórico. Portanto, todo sujeito é formado por discursos que estão presentes na cultura e na sociedade, logo, o gênero que é uma construção social, cultural e discursiva, é formado e construído dentro da sociedade e da cultura através dos discursos, um importante elemento do poder.

Tendo em vista tudo que foi analisado e exposto sobre o conceito de gênero, essa pesquisa se mostra de grande importância para toda sociedade, pois estudando e pesquisando sobre o gênero se pesquisa sobre o próprio sujeito e como essa categoria está tão intimamente ligada a ele e que consequências trás para as pessoas.

Analisar o gênero e o compreender como uma construção, é retirar dessa categoria o seu status de natural. Isso significa que a ideia de que o gênero decorre do sexo não é natural e nem uma verdade absoluta. Essa concepção permite ao sujeito mais liberdade diante das identidades de gênero, descentralizado a ideia de gênero falso e verdadeiro, e de só possa existir homens masculinos e mulheres femininas. Ou seja, compreender o gênero como uma categoria construída permite ao sujeito transitar entre o que é estabelecido ser para homem e ser para mulher, mesmo ao se considerar de um gênero específico.

O estudo e a pesquisa sobre gênero como uma construção e não como uma categoria natural contribui para desmistificar a ideia binária que cerca esse conceito, ideia essa que estabelece e normaliza comportamentos e papéis sociais preestabelecidos para cada

gênero. Ao desnaturalizar esse conceito como natural, rompe-se com a ideia de que somente os gêneros inteligíveis são os gêneros verdadeiros, abrindo portas para a subversão do gênero dentro do próprio discurso, isto é, abrindo possibilidades para novas configurações do gênero, além dos gêneros inteligíveis.

Os gêneros não inteligíveis sempre existiram, no entanto, se encontravam a margem e excluídos dentro da matriz heterossexual, por muitas vezes foram até taxados como anormais. Dessa forma, todo sujeito que não seguia o padrão imposto pela matriz heterossexual e pelo discurso heteronormativo sofria uma exclusão dentro dessa estrutura. A teoria e o discurso de que sexo e gênero são conceitos construídos historicamente pelos discursos fundados numa matriz heterossexual contribui para a inclusão dos gêneros não inteligíveis dentro dessa estrutura, pois, demonstra que nenhum gênero é mais verdadeiro que outro e que os gêneros não são naturais, por isso não é determinado seguir a linearidade sexo\gênero\dejejo.

Os gêneros excluídos podem criar resistências e subversões dentro de discurso heteronormativo a partir da teoria de que o gênero não decorre do sexo e que ambas as categorias são construídas e não naturais. O estudo acerca do gênero é o que permitiu alguns movimentos sociais surgirem, como o movimento feminista. A base do movimento feminista é questionar os papéis sociais impostos as mulheres através de seu gênero. Logo, entender a binaridade de sexo e gênero e como essa dicotomia através do discurso heteronormativo e patriarcal dita normas de papéis sociais para cada gênero é fundamental para as teorias feministas resistirem e desconstruírem a noção de papéis sociais fundados no binarismo de gênero e na visão patriarcal.

Outro movimento que tem como base o estudo da desconstrução do gênero como uma categoria natural e a desconstrução da linearidade sexo\gênero\dejejo é o movimento LDBGTQIA+, que busca incluir e dá espaço aos gêneros não inteligíveis. Sendo assim, as teorias e os estudos a respeito do gênero são de extrema importância para compreender o sujeito e para criar resistências e subversões dentro do discurso heteronormativo e da matriz heterossexual.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 3º ed. – São Paulo, Paz e Terra, 2015. Do original francês: *histoire de la Sexualité I: La volonté de Savoir*.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no college de France, pronunciada em 2 dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio 3ª edição: abril de 1996. EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1996.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984 Ética, sexualidade, política/Michel Foucault; **organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta**, tradução Elisa Monteiro, Inés Autran Dourado Barbosa-Rio de Janeiro Forusse Universitária, 2004. (Ditos e escritos; V).
- BRAGA, Denise da Silva. **Heteronormatividade e sexualidades LGBT: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não normativas**/Denise da Silva Braga, 2012.1731.
- SALIH, Sara. Judith Butler e a **Teoria Queer**/ Sara Salih; tradução e notas Guacira Lopes Louira. – 1. Ed.; 5. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução de Renato Aguiar. – 21º ed. - Rio de Janeiro: civilização brasileira 2021. – (Sujeito e História).
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**; Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Caderno de Leituras n.78, publicado pelas Edições Chão da Feira em junho de 2018.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam os limites discursivo do “sexo”**; tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli, 1ª edição, editora crocodilo São Paulo | novembro, 2019.
- BEAUVOUR, Simone de. **O segundo sexo fatos e mitos**, 4.a edição; tradução de Sérgio Milliet, difusão europeia do livro, 1970.
- BEAUVOUR, Simone de. **O segundo sexo a experiência vivida**, 2º edição; tradução de Sérgio Milliet, difusão europeia do livro, 1967.

PACHECO, Juliana; (Org.). **Filósofas: a presença das mulheres na filosofia**. [recurso eletrônico] / Juliana Pacheco (Org.) – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

CABRAL, F; DIAZ, M. **Relações de gênero**. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. cadernos **afetividade e sexualidade na educação dos pontos no novo olhar**. Belo Horizonte: gráfica e editora Rona Ltda, 1998, o. 142-150.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo** – São Paulo: Claridade, 2011. 120 p. : il. –(Saber de tudo).

PRANDINI, Bruno Flores; PACHECO, Eduardo Guedes. **Por uma educação fora do armário: Um olhar para o Gênero, o Sexo, a Sexualidade e a Binariedade**; revista da fundarte, número 52, fundação municipal de arte de Montenegro, dezembro 2022.

FERRARI, Anderson; Almeida, Marcos Adriano de. Corpo. **Gênero e Sexualidade nos Registros de Indisciplina**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 865-885, set./dez. 2012.

RODRIGUES, Sérgio Murilo. **A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 109-124, jun. 2003.

LIMA, Flaviane Izidro de; VOIG, Ana Elisa Gambarti Teixeira; FEIJÓ, Marianne Ramos; CARMAGO, Mario Lázaro; CARDOSA, Hugo Ferrari. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.1, p. 33-50, jan./jun. 2017. ISSN: 1413-2060.